O Caos dos Iluminados

Introdução à Magia do Caos

Wanju Duli

2015

Sumário

Prefácio_____5
Introdução_____7
Capítulo 1: Uma Breve História da Magia do Caos____14
Capítulo 2: Modelos da Magia_____27
Capítulo 3: O Utilitarismo Espiritual_____42
Capítulo 4: Os Psiconautas e os Exercícios Diários____53
Capítulo 5: O Ritual da Morte Caótica Iluminada_____69
Anexo 1: Servidores e Sigilos Pictóricos_____99
Anexo 2: Fotos do Ritual_____100
Leituras Recomendadas_____102

Prefácio

Uma tarefa das mais árduas para o autor é escrever um livro novo sobre um tema ainda pouco conhecido. Este livro cumpre esta tarefa, introduz um tema sobre o qual pouco foi escrito em língua portuguesa, a Magia do Caos. O próprio termo ´Magia do Caos´ já carrega consigo um fardo de conceitos e pré-conceitos, o que torna esta tarefa ainda mais espinhosa. Mas Wanju Duli é uma daquelas pessoas que carregam o Caos dentro de si e que fazem nascer de sua criatividade seres-estrelas dançantes.

Assim o é este livro. Ao lê-lo lembrei da minha própria experiência ao tomar contato com a Magia do Caos, nos idos de 1997. A primeira obra que me impressionou foi ´The Book of Results´ do autor inglês Ray Sherwin, que coincidentemente foi quem cunhou o termo ´Magia do Caos´. Ray me disse que sua intenção era indicar uma ´magia da mudança´, em contraposição aos rígidos sistemas ritualísticos que existiam até então. Talvez seja a minha predileção por livros curtos, que vão direto ao ponto, mas sem perder a graça e a leveza que os transformam em arte. Talvez seja pelo brilhantismo dos autores, que ousaram escrever sobre o novo e conseguiram desenhar nas entrelinhas das suas obras os espíritos introdutórios essenciais à Magia do Caos: A crença instrumental; A construção de um paradigma novo; A subjetividade deste caminho feito da orientação pelos resultados.

Wanju Duli demonstra nesta obra como compreender estes espíritos de forma fácil e divertida. Mas não pára por aí. Apresenta com humor e clareza um dos temas mais controversos da Magia do Caos: a construção e uso de servidores criando um paradigma novo, com base em paradigmas que já existiam. Ler este livro é executar uma operação mágica em si mesmo. Traz o vento do novo, que nos impele além daquilo que já conhecemos.

Isto é Magia do Caos.

Luís. (Também conhecido por Zoakista; ZoZ; Night Bird). Fundador do Clã dos Adeptos da Oculta Sophia (C.A.O.S.) (2003) Fundador da Kaos-Brasil.

(www.facebook.com/groups/kaos-brasil)

Introdução

Há rumores de que a Magia do Caos morreu. Porém, tais rumores existem há pelo menos duas décadas. Eu devo confessar que nunca vi um cadáver tão vivo. Se há realmente algo morto nos arredores, estou certa de que poderosos necromantes continuam a "manter a lasanha voando" (como diria Robert Anton Wilson).

Particularmente nos últimos anos houve tantos novos lançamentos de livros de caoísmo que ainda não consegui ler nem metade dos mais populares. A publicação de "Epoch: The Esotericon & Portals of Chaos" por Peter J. Carroll no ano passado foi especialmente marcante. Ray Sherwin, por sua vez, lançou "Vitriol: A Very Chaotic Scrapbook" há poucos meses (embora seja uma autobiografia e não um livro inteiramente sobre MC). Com os dois fundadores tão ativos, é fácil concluir que coisas grandes ainda estão acontecendo no que Ramsey Dukes chama de "o submundo da Magia do Caos".

E cada vez mais "sangue novo" se une ao metaparadigma caoísta, trazendo consigo propostas ousadas. Há uma bela fusão de ideias de diferentes gerações, provando que a Magia do Caos não foi somente relevante nos anos 70. Ela continua forte em 2015, porque é como um camaleão: ela aceita adquirir novas cores, ser moldada em formatos imprevisíveis, numa alquimia constante e revolucionária. Essa capacidade de mudar pode até mesmo torná-la potencialmente imortal, mas no

futuro provavelmente será conhecida por outros nomes.

E qual é a relevância da MC no contexto da magia tradicional? Alguns podem argumentar: "Está tudo aqui, não está vendo? A cabala, a astrologia, a gematria, o tarot, tudo se encaixa! Não consegue contemplar as fnords?!" Oh, sim, nós conseguimos contemplar! Essas fnords são muito bonitas. Mas pode ser um pouco difícil arrancar um jogador de xadrez de sua partida e convidar-lhe a bolar seu próprio jogo.

Até porque não estamos aqui para "converter" ninguém. O caoísmo não está "mais certo" que nenhum outro sistema de magia. Mas também não está errado. Ele apenas clama seu direito de existência e deseja ser visto como uma abordagem da magia tão digna e respeitável como qualquer sistema de magia clássica.

Nós sabemos que existe uma tendência a rejeitar o que é novo. Áreas da magia moderna como a Wicca e a Thelema, por exemplo, ainda enfrentam resistência por terem origem relativamente recente. Então Gerald Gardner e Aleister Crowley tentaram traçar uma origem antiga para seus sistemas. Até mesmo Peter J. Carroll clama que a IOT é a herdeira mágica do Zos Kia Cultus de Austin Osman Spare e que também tem como base algumas ideias de Crowley. É claro que nada é totalmente original e os fundadores de uma linha de magia sempre se inspiram nas anteriores. Isso é aceitável e natural.

No entanto, eu desconfio que essa aversão ao novo contenha um preconceito velado. "Oh, como essas bandas de música contemporâneas são ruins!

Não se faz mais música como antigamente" é o que costumam dizer as pessoas que continuam presas pela paixão à música feita em sua própria geração, sem interesse de tentar entender os novos paradigmas musicais que surgem. Cada um tem o direito de gostar do que quiser, mas sem atacar o que não gosta ou não entende.

Evidentemente, os caoístas também não estão livres desse mal. Quando ouvem falar que um magista do caos é membro da IOT, subitamente assumem um tom respeitoso: "Ah, você é do Pacto!", simplesmente porque a IOT já tem algumas décadas de existência, adquirindo o caráter de tradição. Contudo, existem muitos outros grupos caoístas fortes e ativos. Só para citar alguns exemplos: a "Arcanorium College" de Peter J. Carroll e Nikki Wyrd, a "Kia Magic" de Anton Channing e Jaq D Hawkins, a "Western Watchtower" de Julian Vayne e Steve Dee e a guilda AutonomatriX (AX).

E o que falar dos grupos brasileiros? Há a Kaos Brasil, que já está nessa caminhada há um longo tempo, com o famoso "Caos O Jogo". Há novos grupos surgindo o tempo todo, utilizando especialmente a internet como ferramenta.

A internet, por ser algo novo, é frequentemente alvo de críticas quando é usada, por exemplo, para um ritual online. Muita gente ainda respeita mais as ordens de magia que se encontram pessoalmente e fazem rituais com varinhas e espadas, em vez de magistas fazendo rituais pela internet usando um celular como varinha e um laptop como grimório.

Por experiência própria, afirmo que rituais online e com uso de diversas tecnologias podem ser tão

efetivos quanto rituais ao estilo antigo. E membros de grupos online são capazes de formar laços tão fortes quanto os que se encontram regularmente em templos. Eu tenho certeza de que todos que fizeram grandes amizades pela internet entendem isso.

A Magia do Caos é parte do ocultismo pós-moderno. Após a grande ousadia dos movimentos do modernismo na arte (surrealismo, dadaísmo, futurismo, etc), muitos começaram a se perguntar se a arte estava morta. Afinal, todos os lances geniais da arte já não tinham sido produzidos? Bem, era o que se pensava sobre a física pós-newtoniana antes de Einstein.

O caoísmo nasceu em meio a gerações pessimistas do pós-guerra. Então pode-se dizer que ele foi, de fato, como um cadáver voltando dos mortos. No entanto, ele estava renascido: consideravelmente livre de suas vestimentas antigas; de seus robes cerimoniais elaborados, de suas velas e bolas de cristal. Afinal, como diz Ramsey Dukes em SSOTBME, dizer que um magista só é genuíno se usa robes e incensos é como dizer que um cientista só é real se usa óculos grossos e aventais brancos.

Quando se tenta enxergar as coisas por novos pontos de vista, aumenta a probabilidade de se encontrar tesouros escondidos. Se você busca por surpresas, novos caminhos e criatividade na magia, a Magia do Caos é um bom lugar para procurar. Caso seu interesse seja poder e conhecimento, sugiro que tente espiar em lugares não convencionais. Os caoístas possuem uma particular predileção por Deuses esquecidos e não muito populares, ou até mesmo inventam suas próprias entidades, que

possuem o potencial de despertar capacidades mágicas incomuns.

Após o lançamento dos meus livros "Agracamalas" e "Grimório da Insolência" em 2013, meu amigo Yuri (dono de um dos sites mais conhecidos sobre ocultismo no Brasil, o "Tudo Sobre Magia e Ocultismo") estava conversando comigo sobre a necessidade de livros introdutórios à Magia do Caos no Brasil. Inicialmente eu pensei em me focar apenas em novas abordagens do caoísmo, já que existem tantos livros introdutórios. Porém, o Yuri me lembrou que a maior parte deles ainda não tem tradução para português.

Por isso ainda existe o interesse de se ter respostas para perguntas como essas: "Que raios é Magia do Caos? Que história é essa de 'tudo é permitido'? Então eu posso fazer qualquer coisa com magia e chamar de MC? Onde estão os fundamentos? Um pirulito que eu chupei ontem tem tanto poder quanto o meu punhal cravejado de cristais, propriedade de meu bisavô magista, utilizado em incontáveis rituais?!"

Eu poderia responder resumidamente a essas perguntas. Como diz Jaq D Hawkins em "Understanding Chaos Magic", a MC não é em si um sistema ou filosofia, mas uma atitude que se aplica à magia. O mote de Hassan i Sabbah "Nada é Verdadeiro, Tudo é Permitido" foi popularizado por Robert Anton Wilson (RAW) e Robert Shea no livro "Illuminatus! Trilogy" em que são citados constantemente a Ordem dos Assassinos, os Illuminati e diversas sociedades secretas supostamente conspiratórias. Peter J. Carroll já foi

instrutor na Maybe Logic Academy de RAW. Essa é somente uma frase constantemente repetida para enfatizar as grandes possibilidades que o caoísmo oferece. Não é um dogma. No máximo é um "catma" (ou seja, uma verdade absoluta que muda de tempos em tempos, como é descrito no Principia Discordia).

Ou, como dizem por aí: "Tudo é permitido, contanto que você não seja pego".

Digamos que é um pouco complicado fazer qualquer coisa com magia e chamar de MC (especialmente coisas ilegais). Há alguns autores (como o Frater Xon da IOT North America) que estabelecem uma diferença entre MC e magia eclética. A primeira envolveria a criação de novos sistemas e rituais, enquanto a outra seria apenas uma junção de tradições pré-existentes. Contudo, a diferença pode ser sutil. Não é, de forma alguma, rígida. No livro "Chaos Craft" de Vayne e Dee é mencionada a diferença entre hibridização e sincretismo, que segue um princípio semelhante.

Sobre a última pergunta, um mago pode fazer até magia de mãos vazias e de forma inconsciente. Todavia, há diferenças entre utensílios mágicos, pelos mais diversos aspectos: alguns deles mentais, outros não.

Finalmente, para responder a pergunta sobre os fundamentos da Magia do Caos, eu primeiramente diria que pelo menos para mim não faz tanta diferença se um sistema de magia tem ou não fundamento (seja ele histórico, científico, artístico, etc) contanto que funcione. Porém, é relevante entender um pouco sobre o contexto em que o

caoísmo nasceu, para que se compreenda o que ele se tornou hoje.

Tendo isso em vista, abordaremos uma breve história da Magia do Caos no primeiro capítulo. Nos capítulos seguintes irei explorar temas diversos que julgo serem de valor para o iniciante. Contudo, eu também desejo que esse livro seja uma leitura agradável para aqueles que já estão cansados de saber sobre temas tão extensivamente discutidos, como história da MC, Teoria do Caos, sigilos e servidores. Por isso, eu preparei algumas surpresas adicionais nos capítulos subsequentes.

Longa vida ao caoísmo! Não me importo se a MC está viva, morta ou morta-viva. Nós somos magistas, porra! Possuímos o poder de transitar entre diferentes realidades. E, como diria H.P. Lovecraft: "em estranhas realidades, até a morte pode morrer".

Wanju Duli, Porto Alegre, 29 de julho de 2015

Capítulo 1: Uma Breve História da Magia do Caos

No princípio era o Verbo. Opa. História errada.

Vamos começar com Samuel Liddell MacGregor Mathers (1854-1918), um dos fundadores da Golden Dawn. Ele foi responsável pela tradução de muitos livros relevantes para a magia tradicional e moderna, como "O Livro da Magia Sagrada de Abramelin", "As Chaves de Salomão" e o "Grimório de Armadel". Como podem ver, ele popularizou a goécia.

Magistas como Eliphas Levi (1810-1875) apontavam a diferença entre a alta magia e a baixa magia. A primeira teria uma meta de evolução espiritual, enquanto a segunda focaria na obtenção de conquistas materiais. Ele seguia uma abordagem que posteriormente viria a ser identificada como Right-Hand Path (RHP, ou Caminho da Mão Direita).

No livro "Chaos Craft" é dito que o termo Left-Hand Path (LHP, ou Caminho da Mão Esquerda) foi originalmente adotado pela Sociedade Teosófica para designar "magistas maus", termo este que depois foi refinado pelo tantrismo, satanismo contemporâneo (Anton LaVey, Michael Aquino e Stephen Flowers), dentre outras linhas de magia.

O LHP surgiu principalmente como uma reação à visão vigente do RHP, que ainda tinha uma ligação muito forte com a religião, possuindo um objetivo principalmente espiritual. Como diria Ramsey Dukes (em seu livro "BLAST Your Way to Megabuck$ with

my SECRET Sex Power Formula"), a magia não precisa pedir permissão para a ciência ou para a religião para atuar.

Dizer que a matéria é inferior à mente ou ao espírito é um dos maiores "preconceitos magísticos" de todos os tempos, e que continua a ser propagado até hoje, certamente com uma forte influência do gnosticismo.

Por outro lado, há magistas que afirmam que a magia deve ter, necessariamente, efeitos práticos mensuráveis, com alterações do mundo material, e que a habilidade de manipular a matéria seria o critério principal para medir o poder de um magista. Note que essa é outra abordagem extremista. É apenas uma versão reversa do preconceito anterior.

Devido a esses e outros motivos, muitos não gostam dessa divisão da magia em RHP e LHP. Ela reflete o dualismo simplista do mundo ocidental. Um dualismo que dita, dentre incontáveis outras coisas, somente dois sexos e gêneros como possíveis, deixando hermafroditas (o belo filho de Hermes e Afrodite!) e transgêneros como se estivessem "de fora" desse mundo e precisassem mudar para se encaixar em padrões artificialmente criados.

Essa questão tem raízes na Grécia Antiga, na filosofia de Platão, que concebeu um Mundo das Formas perfeito e inatingível, enquanto na Terra existiriam apenas sombras das perfeições desse mundo. Essa filosofia encontra sua base na matemática, em particular na geometria. Quadrados e círculos perfeitos são idealizações; eles não existem no mundo material. Deus seria o humano ideal do Mundo das Ideias. Tal dualismo foi adotado pelo

cristianismo, principalmente através de Santo Agostinho.

Em seu livro "Epoch", Carroll afirma que o ocultismo ocidental está quase que integralmente fundamentado no neoplatonismo. Não que o dualismo ou o platonismo em si seja o problema. A problemática em questão seria considerar esse modelo como o único correto, julgando todos os outros como errados ou incompletos.

O ocultismo atual é uma mistura de neopaganismo com neoplatonismo (ou seja, religiões judaico-cristãs). A maior parte do que se estuda em sistemas clássicos como cabala, tarot, astrologia, hermetismo e alquimia, por exemplo, seria basicamente neoplatonismo explicado de maneira misteriosa.

Novamente, não há nenhum problema com Platão, ele é um fantástico filósofo. Também não há nada de errado no mistério, pois através de simbolismos e linguagens herméticas é possível atingir profundas dimensões do inconsciente. Contudo, quando se estuda somente os sistemas clássicos, isso pode significar olhar para a realidade sob um ponto de vista um pouco limitado.

Uma das propostas da Magia do Caos é resgatar tradições pouco estudadas no ocultismo e trabalhar magicamente com elas sob novas interpretações. Em Epoch, Carroll desenvolveu um novo sistema cabalístico (a Caobala), além de uma nova astrologia (alguém já ouviu falar no planeta Éris, que é quase do tamanho de Plutão?) e um novo tarot, que leva em consideração tanto divindades e mitologias antigas

quanto atuais, incluindo algumas que foram deixadas de lado pelo tarot tradicional.

Mas vamos voltar um pouco no tempo e, em vez de falarmos sobre o livro mais recente de Carroll, lembremos de sua primeira obra: "Liber Null", que é literalmente o "Livro Zero" da MC, lançado em 1978.

Kenneth Grant (1924-2011) foi amigo de Austin Osman Spare (AOS, 1886-1956) e um dos maiores responsáveis por popularizar os seus escritos. Spare é famoso no meio caoísta principalmente por seus trabalhos com sigilos em "The Book of Pleasure". Até mesmo o termo "Caos" é encontrado em sua obra, particularmente em um de seus desenhos. No diagrama mostrado em Liber Null, que cita todas as linhas de magia que influenciaram na formação da IOT, AOS aparece em lugar de destaque, juntamente com Crowley, embora seja inegável que o primeiro tenha ganhado mais destaque na MC do que o segundo.

Liber Null foi originalmente escrito como um livro de referência para os trabalhos da IOT e contém o famoso Liber MMM. Posteriormente, em 1992, Carroll lançou o Liber Kaos, cuja proposta era apresentar uma substituição para o Sistema de Abramelin através do Liber KKK.

Porém, Carroll não foi o único a contribuir com literatura caoísta nos anos 70. Ray Sherwin lançou o famoso "The Book of Results" no mesmo ano em que Carroll publicou o Liber Null. E em 1982 ele lançaria "The Theatre of Magick".

O livro "Sex Secrets of the Black Magicians Exposed" (SSOTBME) de Ramsey Dukes (Lionel

Snell) teve sua primeira edição publicada poucos anos antes de Liber Null e, segundo Jaq D Hawkins, esse livro, juntamente com os escritos de AOS, foram algumas das maiores influências da IOT em seus anos iniciais.

Um dos objetivos centrais da IOT, além de um foco na magia experimental, era diminuir a estrutura hierárquica. Contudo, mesmo com a existência simbólica dos graus reversos, do Insubordinado e da atmosfera mais livre de regras rígidas, ainda havia uma hierarquia, o que incomodou alguns magistas como Ray Sherwin, que acabou saindo da IOT. O próprio Peter Carroll também se retirou da ordem muito mais tarde, para se dedicar mais ao trabalho, à família e a projetos pessoais.

Julian Vayne, em seu livro "Deep Magic Begins Here..." (foi só recentemente que reparei que a capa do livro mostra o Vayne vestido de Baphomet, batendo num tambor envolto em bolhas de sabão. Essa descoberta deixou meu dia mais feliz) comenta que, assim como muitos magistas, inicialmente não concordava com o sistema de graus da IOT, já que a proposta da ordem seria a quebra de paradigmas. Ele conta que costumava andar com o Peter Carroll, o Phil Hine e o Dave Lee nos anos 80, mas que inicialmente não teve interesse em se inscrever para a ordem. Até que ele entendeu o motivo da existência do sistema de graus.

Segundo Vayne, o sistema de graus na IOT não funciona como indicativo de desenvolvimento espiritual, mas como um grau de comprometimento com a ordem. No entanto, quem permanece mais tempo e avança para o segundo ou primeiro grau não

é visto como "melhor", pois, como o autor lembra, é natural que muitas pessoas precisem sair da ordem por questões pessoais, de trabalho e outras naturezas, ou mesmo por desejo de experimentar outros sistemas de magia. Alguns desses voltam alguns anos depois e são bem recebidos pelo grupo. O que regressa poderá compartilhar as coisas que aprendeu enquanto esteve fora.

A propósito, não há nada de errado em um caoísta estudar outros sistemas de magia ou religiões, como xamanismo, wicca, budismo, cabala, umbanda ou qualquer outra coisa com a qual ele se identificar. Tais estudos são inclusive incentivados. A única observação é que um estudo de cabala, por exemplo, não é tido como superior a criar, digamos, um ritual feito com cuspe.

Essa afirmação pode ser difícil de entender para alguns, mas no caoísmo é dada muita ênfase à magia criativa, a ponto de alguns considerarem melhor criar um único feitiço extremamente simples, mas que foi imaginado pelo magista, do que já ter realizado dezenas de feitiços prontos retirados de grimórios tradicionais.

Claro que sempre há um perigo quando classificamos as coisas em termos de melhor ou pior. Assim como o magista não deve ser classificado e julgado com base em seus sucessos em manipular o mundo material, ele também não deve ser considerado melhor se ele é mais criativo.

Cada magista é único, com um potencial singular e tem sua própria forma de viver a magia. Se ele escolhe focar seus estudos em sistemas antigos, se deseja ler mais livros do que praticar, ou se deseja

trabalhar somente sozinho, todas essas são escolhas suas e devem ser respeitadas, contanto que ele não considere sua abordagem superior a outras.

Afinal, o mundo não é somente preto e branco. Não significa que só porque uma magia é antiga ela seja melhor (assim como não significa que ela é melhor por ser contemporânea ou desenvolvida de forma criativa). Um magista que lê muitos livros de ocultismo e aplica com sucesso os ensinamentos que aprendeu na vida diária não é necessariamente menos prático do que alguém que veste um robe e segura uma espada dentro de um círculo.

Os resultados objetivos de uma escolha ou outra podem ser debatidos. No entanto, o magista não irá optar por um estilo de praticar sua magia somente porque ele é excelente, caso não se identifique com ele.

Lon Milo DuQuette em seu livro "Ask Baba Lon" nos lembra que toda a vida é magia e tudo que fazemos é ritual. Ele apenas escolheu tornar sua vida comum mágica e sua vida mágica comum. Segundo ele, a primeira coisa que deve ser feita é pagar o aluguel e para isso ele realiza um ritual mágico prolongado, cinco dias por semana, nove horas por dia, chamado "ir ao trabalho".

Alguns de vocês podem estar se perguntando: "Eu conheço a Magia do Caos e a IOT de hoje, mas por que será que isso tudo começou? Por que especificamente os anos 70 foram a época em que algo tão radical aconteceu na magia? O que estava acontecendo nessa época? Quais foram as outras influências desses magistas além de Spare?"

Vamos lembrar que Spare era um artista. Como mencionado na introdução, grandes revoluções estavam acontecendo na arte nas décadas anteriores. A Geração Beat foi marcada por um grupo de autores desiludidos pelas catástrofes da Segunda Guerra Mundial. Esse foi o ambiente para que surgissem movimentos bem "aleatórios" como o dadaísmo. Afinal, a guerra em si parecia não ter sentido e nem o mundo que restou depois dela. Em vez de tentar encontrar sentido nesse caos, restava aos artistas apenas celebrar a aparente ausência de sentido.

A obra "Principia Discordia" de Kerry Thornley e Greg Hill, cuja primeira edição surgiu em 1963, e os livros de Robert Anton Wilson (seus primeiros livros foram lançados no início da década de 70) são alguns exemplos dessa "adoração ao Caos", personificada na forma da Deusa Éris, ou Discordia.

É claro que tudo isso começou como piada, embora, de certa forma, fosse tudo muito sério, já que literatura de qualidade é algo bem sério, por mais hilário que seja. Os livros desses autores possuem, em meio às piadas, reflexões filosóficas e políticas profundas.

William S. Burroughs (1914-1997), um dos artistas da Geração Beat, e ele mesmo um membro da IOT, ficou famoso no ocultismo com seu livro "The Third Mind"(1977) e na literatura com a obra "Naked Lunch"(1959).

Outro artista muito importante para a Magia do Caos foi Michael Moorcock, pois ele é tido como o criador (ou pelo menos o grande divulgador) do símbolo da caosfera. Moorcock criou os Deuses do

Caos, sendo o Caos uma das forças necessárias para se manter o Equilíbrio Cósmico, junto com as forças da Lei.

E o que acontecia na ciência na época em que a MC surgiu? A Teoria do Caos foi desenvolvida na matemática, também nos anos 70. Como diria Charlie Brewster em seu livro "Liber Cyber", o fato de a Magia do Caos e a matemática do caos terem surgido mais ou menos na mesma época seria mais uma das notáveis "coincidências" (ou "sincronicidades", diria Jung) que permeiam o ocultismo. E como observou JMR Higgs em sua obra clássica "KLF: Chaos Magic Music Money", não era tão diferente assim o caos que surgiu na magia e na ciência, já que naquela época todos usavam ácido (ou seja, não eram apenas RAW, Tim Leary e Terence McKenna. E viva os psiconautas!!).

O que vem a ser o conceito de caos na ciência? As mais diversas áreas do conhecimento podem ser fundamentadas no caos, como matemática, física, biologia e inclusive ciências sociais.

Edward Lorenz e o Efeito Borboleta são frequentemente mencionados. Lorenz era um meteorologista que identificou o fenômeno da dependência sensível às condições iniciais. Na prática, isso significa que não é tão difícil prever como será o tempo amanhã. Porém, tentar prever como será o tempo daqui um mês é particularmente desafiador, pois se apenas um fator externo for alterado, todos os cálculos da previsão podem ir por água abaixo.

Provavelmente esse é um dos motivos de os magistas do caos geralmente não se envolverem

muito com métodos divinatórios para prever o futuro. Talvez alguns se aventurem a prever o futuro para o dia seguinte. Considerando a natureza caótica da realidade, novos usos para métodos divinatórios podem ser criados.

No entanto, como os caoístas costumam ser ousados, eu não duvido que alguns queiram tentar alguns tipos de magia exatamente porque são difíceis. Joshua Wetzel (ou Frater Ratatosk, autor do livro "Paradigmal Pirate") é um dos que afirmam que sempre desejam tentar uma magia quando ouvem falar que ela é perigosa. Ele recomenda evocar demônios sem círculos e triângulos e que no final tudo resulte numa grande suruba entre magistas e demônios. Porra, é necessário ter um ótimo senso de humor para realizar a evocação de Charles Darwin através da dança das cadeiras! (essa é outra magia sugerida no livro. Achei uma ótima ideia).

Outro nome comumente pronunciado quando o assunto é ciência do caos é Mandelbrot. Ele enfatizou que montanhas não são cones, o que inicialmente parece uma observação trivial. Porém, quando é preciso fazer cálculos sobre as dimensões de um campo de futebol, eventualmente haverá uma simplificação: "digamos que isso é um retângulo, para facilitar os cálculos". Obviamente, essa simplificação é apenas um modelo. Contudo, quando utilizamos certo modelo por muito tempo, nós podemos "confundir o mapa com o território" como se costuma dizer.

Por acaso esse é um dos obstáculos com os quais o magista poderá se deparar em seu estudo de sistemas de magia tradicional. Ele pode começar a

acreditar que o modelo que está estudando é a verdade. Independente de existir ou não uma verdade, nós somente a interpretamos por modelos e considerá-los como a realidade pode nos fazer cair em erro.

Sendo assim, Maldelbrot notou que era preciso utilizar uma geometria não euclidiana para estudar a natureza dos fenômenos. Ele concluiu que padrões caóticos eram a ordem da natureza. Batidas regulares no coração humano levariam à morte. O sistema circulatório segue o modelo da geometria fractal, operando entre o periódico e o aperiódico. Tentar interpretar a biologia sob um modelo platônico da realidade seria tentar encaixá-la num ideal de perfeição humano.

Nós humanos gostamos de ver as coisas se encaixando, como quem brinca de quebra-cabeça. As cores se encaixando com os números, com as letras, com os planetas. Porém, nem tudo se encaixa. Uma possível explicação poderia ser: "na verdade tudo realmente se encaixa, mas o cérebro humano falha em ver". Outra explicação seria: "nada se encaixa, nós somente temos a impressão de que existem conexões causais entre os fenômenos, porque a mente humana precisa disso". E uma terceira explicação: "Algumas coisas se encaixam e outras não, é aleatório!".

Evidentemente, outras explicações podem ser dadas. Eu acredito que algumas vezes precisamos deixar de lado essa necessidade constante de encaixar coisas. Fico com a impressão de que podemos ficar loucos, enxergando significados e teorias da conspiração em tudo (assim como RAW ironizou em

seus livros, a respeito do número 23, e sobre a Lei dos Cinco no Principia Discordia).

No filme Pi, de Darren Aronofsky, o protagonista Max, que é matemático, possui uma verdadeira obsessão por ver padrões em tudo e em achar que descobriu grandes segredos. As consequências disso não se mostram agradáveis.

Em vez de buscar o "sentido da vida" (nossa necessidade máxima de desejar que as coisas se encaixem) podemos simplesmente concluir que ou a vida não tem sentido ou nossa mente não é capaz de entender o sentido. Ou ainda, podemos criar um sentido pessoal para nossa vida (ou para nossa magia, o que é a proposta do caoísmo).

Na verdade, somos livres para criar muitas coisas através da abordagem caoísta. Alguns simplesmente não gostam ou não se importam com espiritualidade ou com sentidos pessoais e só desejam se divertir ou investigar algumas áreas de seu interesse. Afinal, cada pessoa busca coisas diferentes.

Um possível problema da magia tradicional é achar que as pessoas precisam das mesmas coisas e as aprendem do mesmo jeito. Nem todo mundo quer ter contato com seu Sagrado Anjo Guardião. No livro "The Infernal Texts: Nox e Liber Koth", no qual há alguns textos de Anton Long, da ONA (no entanto, eu me abstenho a comentar sobre a ONA), ele menciona que a conversação com o Sagrado Anjo Guardião da Golden Dawn foi uma interpretação incorreta do rito do Adepto Interno, que envolveria deixar o candidato vivendo em isolamento por vários meses.

De acordo com Hawkins, o caos não é tão aleatório quanto aparenta, mas uma sutil forma de ordem. É possível achar caos na ordem e ordem no caos. Existe o conceito de Caos Determinístico, o qual supõe que nem todo o efeito está completamente contido na causa, podendo interagir com outros efeitos, havendo portanto uma simultaneidade de processos. Algumas dessas ideias são debatidas pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari em "Mil Platôs" no modelo epistemológico do rizoma.

Agora que já foram dadas algumas noções sobre o universo em que a MC nasceu e se desenvolveu, iremos partir para as implicações filosóficas do caoísmo, que fundamentam a prática.

Capítulo 2: Modelos da Magia

De onde a magia surgiu? O que ela é? Para que ela serve?

Esperamos já ter respondido a primeira pergunta no capítulo anterior. Meu foco foi explicar em que contexto surgiu especificamente a Magia do Caos. Evidentemente, para contar de onde surgiu a magia teríamos que voltar para a Pré-História. Fica mais fácil se a pergunta for "De onde surgiu o ocultismo ocidental?", pois sabemos que ele se moldou na forma que possui hoje especialmente com Mathers, Westcott e seus amigos, embora eles tenham fundamentado suas teorias em práticas mais antigas (alquimia, astrologia, etc).

Agora iremos nos voltar para a segunda pergunta: "O que é a magia?". Uma das mais antigas formas de magia é o xamanismo. Por isso é do interesse de muitos magistas nos dias de hoje resgatar essas origens: sentir como é a magia que floresce no contato direto com a natureza.

Há quem acredite que o afastamento das pessoas da natureza nos desconectou da magia em si e fez com que passássemos a ter dificuldade para lidar com a vida e a morte. Eu entendo esse sentimento, mas prefiro interpretar as coisas de outra maneira.

Existe esse idealismo de se agarrar ao passado como se ele fosse um tipo de paraíso perdido. "Antigamente as coisas eram boas, hoje em dia tudo está perdido, os valores estão invertidos, os jovens

não respeitam os mais velhos", etc. É fácil cair na armadilha de pensar coisas desse tipo, ou mesmo idealizar a própria infância ou momentos do nosso passado com saudosismo.

Não sei quanto a vocês, mas eu gosto da ideia de viver o presente. Fantasiar que no passado as coisas eram melhores ou que no futuro tudo vai ficar melhor pode levar a frustrações.

Para mim, o ser humano faz parte da natureza. Ele não é uma entidade separada dela. E assim como o João de Barro constroi sua casinha, nós construímos as nossas. É claro que é importante respeitarmos os outros animais e o meio ambiente. Porém, assim como todo ser vivo, nós também precisamos consumir recursos para sobreviver. É ilusão pensar que podemos viver sem matar nenhum animal ou vegetal, sem cortar árvores, sem poluir rios ou sem rasgar a terra.

Com a tecnologia aos poucos descobrimos novas maneiras de contornar esses problemas. Paradoxalmente, criamos novos desafios. A mesma tecnologia que nos dá mais conforto e maior qualidade de vida é a mesma que nos mata e que destroi o mundo em que vivemos.

Eu observo que a tendência das pessoas é ter muito ceticismo em relação à tecnologia. Costumam citar apenas os aspectos negativos, como bombas atômicas, consumismo, manipulação da mídia e alimentos industrializados.

Muitos criticam computadores e celulares, alegando que eles afastaram as pessoas. Quando eu tinha 13 anos minha única forma de ter acesso a livros de ocultismo era em livrarias e bibliotecas da

minha cidade. No ano seguinte, quando ganhei meu primeiro computador, ainda era difícil chegar a muitos materiais.

Hoje em dia é possível ler livros de graça na internet ou ter acesso a livros em outras línguas. Você pode até mesmo ser membro de ordens de magia internacionais sem sair da frente do computador. Quando eu leio um livro escrito por outra pessoa (esteja ela viva ou morta) eu me sinto conectada a ela.

Conectar-se a uma pessoa em carne e osso não é a única forma de interagir com ela. Os magistas, que lidam com entidades espirituais, deviam ser os primeiros a ter mais facilidade de entender isso.

A magia contemporânea ainda promete inovações fantásticas, mas somente se os magistas contemporâneos abrirem a mente para recebê-las e enxergá-las sob novos pontos de vista.

Eu sou apaixonada pelo xamanismo clássico das mais diferentes culturas (contato com os elementos da natureza, animais de poder, etc). Contudo, eu não o considero mais poderoso do que, por exemplo, uma magia feita num quarto fechado com uma lâmpada em vez de velas.

Como estamos cansados de saber, a maior parte da ritualística cerimonial é feita para impressionar a mente. Basta entender que você não precisa de nada disso e seu primeiro benefício será economizar bastante em caros utensílios de magia.

Muitos associam a magia a algo místico e diferente do que experimentam no dia a dia. Por isso, ir para uma floresta e se vestir com capim dançando a

rumba parece uma forma simpática de quebrar com a monotonia da rotina.

Honestamente, eu falho em entender como funciona a mente de alguns magistas. "Agora é a hora de fazer magia, vou me vestir de morcego no alto do Morro dos Cafundós" eles dizem. Depois de terminar o ritual, voltam para casa e declaram: "Acabou a hora da magia, agora é a hora de relaxar e jogar videogame".

Mas por que então não faz uma magia enquanto joga videogame, animal (com todo o respeito)? Não é outro mundo? Não é divertido?

OK, vamos respeitar a visão alheia. Como já observei, o dualismo em si não é um problema. Ele só se torna preocupante quando vira a regra absoluta para tudo.

NÓS SOMOS A NATUREZA!!! Não existe essa guerra de seres humanos versus meio ambiente. No máximo, precisamos preservar o meio ambiente para que as futuras gerações de seres humanos possam sobreviver. A nossa preocupação com o meio ambiente não acontece porque nós amamos as árvores, mas porque não queremos aniquilar a nossa espécie por falta de recursos. Na maior parte das vezes, não preservamos a natureza por bondade ou caridade.

Por outro lado, é claro que você pode amar as árvores! Eu mesma tenho uma árvore que considero uma grande amiga, que fica no alto de um morro cercada pela natureza. Eu vou visitá-la desde criança. Eu já fiz rituais lá! Já enterrei objetos de magia preciosos para mim perto da árvore. Eu e ela temos uma conexão forte.

E o mesmo acontece com os animais. Podemos ter uma conexão poderosa com certos animais. É possível até mesmo ter uma barata como animal de poder! É completamente humano escolher apenas os "bichinhos bonitinhos" para amar e não sentir culpa ao matar um mosquito.

Nós humanos somos contraditórios e é precico aprender a conviver com essa contradição. Esses dias minha mãe estava contando que uma vizinha nossa tinha uma galinha de estimação. Posteriormente ela soube que roubaram a galinha dela e comeram. No entanto, não houve nenhum tipo de protesto em torno disso. É claro que se o cachorro de alguém fosse roubado e cozinhado, ah, o Facebook ia explodir com protestos!

Calma, não me entenda mal. Eu amo cachorros. Amo meus bichos de estimação e acho totalmente justo que se defenda os animais e o meio ambiente. Estou meramente refletindo como costumamos nos portar de forma contraditória, com a ilusão de que somos os salvadores do mundo.

Frequentemente nós refletimos para a nossa magia os nossos comportamentos da vida diária. É apenas uma enganação achar que quando vestimos um robe cerimonial nos tornamos outra pessoa. No máximo, pode ser uma boa encenação. Na prática, você continua com a mesma mente que tinha antes, mesmo que altere seu estado de consciência.

Nós refletimos em nossas operações mágicas a nossa visão política, nossas questões psicológicas, nossos pensamentos filosóficos; e muito mais.

Uma maneira de realmente se tornar outra pessoa ao longo da cerimônia é bolar um personagem.

Digamos que você fará uma magia para obter mais dinheiro. Você pode criar um personagem e imaginar-se como alguém muito rico, econômico, confiante e seguro de si. Para colocar em prática o "Finja até que atinja".

Essa é apenas uma forma de proceder. Há muitas outras formas de preparar procedimentos mágicos eficazes.

Note que a questão "O que é a magia?" está diretamente relacionada às suas origens. As pessoas desejavam entender a natureza e manipulá-la. Sendo assim, a busca de conhecimento e poder mágico remonta a tempos imemoriais.

"Antigamente as pessoas viviam pacificamente em equilíbrio com a natureza e hoje só querem saber de dinheiro e poder" alguns pensam. E eu respondo: "Não, seu bosta!!" Pessoas ambiciosas sempre existiram. Se não fosse por essa busca incessante de aprimorar-se, será que ainda estaríamos vivendo em cavernas? Alguns dizem que isso seria bom. Uma expectativa de vida bem curta e a adrenalina de ser devorado por uma fera selvagem a qualquer minuto. Aqueles que eram bons tempos! Os que ficam entediados na frente do computador devem estar com saudades desses dias, que eram brilhantes.

Eis o mito do bom selvagem de Rousseau. Os seres humanos são naturalmente bondosos e a sociedade os corrompe? Ou será que o homem é o lobo do próprio homem, como diria Hobbes? A sociedade serviria para controlar um ser humano com inclinações naturalmente negativas?

Você gosta de ser otimista ou pessimista? É apenas uma questão de preferência. Há aquela

simpática história sobre o jardim do Éden. Adão e Eva viviam como selvagens, apenas curtindo a beleza da natureza. Após comerem da Árvore do Conhecimento, eles passaram a ter sabedoria suficiente para produzir seus refrigerantes açucarados e sua soja transgênica. Eles criaram um monte de porcarias. "Porém, essa porcaria é só minha e eu me orguho dela!" eles clamaram.

Mas Voltaire tem uma versão melhor para a história em seu "Dicionário Filosófico":

"Imaginaram os sírios que, tendo o homem e a mulher sido criados no quarto céu, quiseram comer de uma torta em vez de ambrosia, seu manjar natural. A ambrosia exalava-se pelos poros. Comendo a torta, porém, era preciso ir à secreta. O homem e a mulher pediram a um anjo que lhes indicasse onde ficava tal repartição do Paraíso. - Estão vendo - disse-lhes o anjo - aquele planetinha insignificante a uns sessenta milhões de léguas daqui? Pois é lá - Para lá se foram, e lá os deixaram. Desde então o mundo é o que é"

Voltaire também possui uma ótima teoria sobre o sentido da vida de humanos e animais:

"Para ninguem é novidade saber que as moscas foram feitas para ser comidas pelas aranhas, as aranhas pelas andorinhas, as andorinhas pelas pegas, as pegas pelas águias, as águias para ser mortas pelos homens, os homens para matar-se uns aos outros, ser comidos pelos vermes e em seguida pelo diabo"

Porém, não foi somente Voltaire quem bolou boas teorias. Rosseau, apesar de sua teoria sobre o bom selvagem, também teve seus bons momentos em "Do Contrato Social", como essa passagem:

"É preciso pensar como eu para ser salvo. Eis o dogma horroroso que devora a Terra. Nada tereis feito em favor da paz pública se não riscardes esse dogma infernal. Quem não o

achar execrável não pode ser cristão, nem cidadão, nem homem, é um monstro que deve ser imolado para tranquilidade do gênero humano"

Sobre a teoria do bom selvagem de Rousseau, Voltaire enviou-lhe a seguinte carta:

"Acabei de receber seu último livro contra a espécie humana, e agradeço. Ninguém foi tão refinado quanto o senhor na tentativa de reconverter-nos em brutos. A leitura de seu livro produz o desejo de voltar a ficar de quatro. Como, entretanto, faz uns 60 anos que deixei de exercer tal prática, sinto que é impossível para mim voltar a ela".

Por um lado, existe essa tendência do "retorno à natureza" na magia. Por outro, existe esse desejo de se emperiquitar com os mantos cerimoniais de última moda. Entre ficar de quatro e vestir-se de pavão, o magista pode ficar à vontade para escolher o seu veneno.

Em geral, os magistas do caos simplesmente não se importam. Fazem seus rituais no quarto, de pijama e comendo miojo. Quando ficam entediados, eles saem pelas ruas vestidos de monstros do Lago Ness.

Magia pode ser muitas coisas. Para interpretá-la usamos modelos, que seriam como os "mapas do território". Porém, como consta em "The Book of SubGenius":

"Com o SubGenius, o mapa é na verdade o território".

Também há o seguinte ensinamento:

"Para aquele treinado por 'Bob', a Verdade pode ser encontrada numa batata".

Não temos a menor dúvida disso! Se podemos atingir a iluminação com merda de passarinho caindo na cabeça, sem dúvidas o mapa pode eventualmente

se transformar no território e uma batata pode acidentalmente se transformar em Deus.

É difícil engolir isso? Quem sabe você esteja muito condicionado à lógica formal de Aristóteles e à lógica informal de Platão. Sobre Aristóteles, Thomas Hobbes fez a seguinte observação em seu livro "Leviatã":

"Creio que dificilmente poderia existir coisa mais absurda em matéria de filosofia natural do que aquilo que hoje é denominado a Metafísica de Aristóteles, nem tão contrário ao governo como grande parte do que foi dito em sua Política, nem mais ignorante do que uma grande parte de sua Ética"

Platão e Aristóteles eram inteligentes, mas é preciso saber filtrar o que eles disseram.

Diz Hegel, em sua obra "Fé e Saber":

"Se a razão constrói um templo para a divindade, também deve permitir ao seu lado a capela para o diabo"

Ou como diria sabiamente Robert Anton Wilson em sua obra "Prometheus Rising", A RAZÃO É UMA PUTA!!! E a forma mais fácil de sofrer lavagem cerebral é... nascer.

Não pense que escapa da lavagem só porque você é ocultista, caoísta e acha que "enxerga mais longe". Quase todos acham que são mais sábios que a maioria! (a não ser que você tenha um complexo de inferioridade que esconde um complexo de superioridade, ou vice-versa).

Afinal, o que seriam os modelos de magia? Sobre isso, Alan Chapman, em sua obra "Advanced Magick for Beginners" possui algumas teorias interessantes. Primeiro você deve criar uma explicação sobre como a magia funciona e chamar isso de modelo. Escolha um nome super legal para seu modelo. Depois,

invente uma explicação bem complicada, com cálculos e gráficos. Selecione um ramo da ciência como base. Utilize todas as palavras difíceis que conseguir e deixe tudo o mais incompreensível possível. Pronto, eis a forma ideal de explicar magia usando ciência!

Sobre isso, eu sempre lembro dessa frase do Nietzsche:

"Aquele que se sabe profundo esforça-se por ser claro; aquele que gostaria de parecer profundo à multidão esforça-se por ser obscuro. Porque a multidão acredita ser profundo tudo aquilo de que não pode ver o fundo. Tem tanto medo! Gosta tão pouco de se meter na água!"

Erasmo de Rotterdam, em sua obra "Elogio da Loucura", também tem algumas palavras a esse respeito:

"Por ora, quero imitar aqui os mestres de retórica de nossos dias, que se julgam pequenos deuses quando, como a sanguessuga, parecem servir-se da língua deles, e que veem como algo maravilhoso entrelaçar, a torto e a direito, num discurso latino, algumas palavras gregas que o tornem enigmático. Se não conhecem nenhuma língua estrangeira, eles tiram de algum livro bolorento quatro ou cinco velhas palavras com as quais deslumbrem o leitor. Os que as compreendem ficam satisfeitos de achar uma ocasião de se comprazer em sua própria erudição; e, quanto mais elas pareçam ininteligíveis aos que não as compreendem, tanto mais são admiradas por isso".

Sinceramente, eu acho legal usar a ciência como um modelo para explicar partes da magia. Em "The Book of Baphomet" Nikki Wyrd e Julian Vayne fornecem explicações da biologia e como eu curto bastante biologia, achei o máximo. Porém, foi uma

explicação com o intuito de ser clara e compreensível. Dessa forma, funciona.

Contudo, o magista não precisa ser escravo da ciência. Não é necessário, de forma alguma, usar ciência ou filosofia para fundamentar uma teoria da magia.

O magista do caos deve se sentir livre para basear seus modelos no que achar melhor. Pode ser uma base essencialmente pragmática ou teórica. Ele deve escolher o método com o qual se sente mais à vontade, sem precisar dar satisfações.

Ninguém sabe direito o que é a magia. Ela pode ser tantas coisas! Cunhar uma definição fechada seria limitá-la. A definição de Crowley é interessante, mas não abarca todas as possibilidades. A propósito, o conceito dele de "Verdadeira Vontade" não costuma ser muito adotado no caoísmo, já que alguns acham que envolveria um senso de "sentido" ou "propósito" superior para a magia (mesmo sendo de cunho pessoal), o que os caoístas buscam evitar. Ainda é muito "neoplatônico", como se houvesse uma vontade mais verdadeira e importante do que alguns de nossos desejos "mundanos" e "triviais".

Patrick Dunn, em seu livro "Postmodern Magic", identifica quatro tipos de paradigmas para a magia, baseando-se no sistema de Frater U.D.:

1- O Paradigma dos Espíritos: popular na Idade Média. Esse paradigma consideraria os espíritos como entidades reais, fora da mente do magista.

2- O Paradigma da Energia: explica a magia como um fluxo de energia (há muitos nomes: Chi, Ki, etc).

3- O Paradigma Psicológico: as entidades seriam criações mentais do magista.

4- O Paradigma da Informação: o mundo como um programa de computador. A informação poderia ser reprogramada na mente. Potencialmente com espaço ilimitado (como nos sistemas fractais), sem interferências do espaço-tempo em outros mundos e com existência independente da matéria (teoria quântica).

Quem gosta de basear a magia na ciência, provavelmente irá optar pelo paradigma psicológico ou da informação. Esses paradigmas são bons para aqueles com dificuldade de "acreditar" que magia existe "de verdade". Apenas meta um monte de física e psicologia no meio e suas dúvidas vão embora!

Eu usava bastante o paradigma da energia e dos espíritos quando eu comecei a praticar magia. Para mim era muito natural o exercício de visualizar esferas multicoloridas de energia nas mãos. Também era natural para mim considerar uma entidade como tendo existência separada da minha mente, não sendo somente imaginação.

Claro que a imaginação pode ser poderosa! Ainda assim, até hoje eu prefiro utilizar o modelo de que o servidor que criei não é apenas imaginário. Ele adquire uma existência independente de mim, como um filho que antes era parte do meu corpo e depois nasce para o mundo. Acho que é fácil para mim ver as coisas dessa forma porque como eu costumo escrever muitas histórias, eu frequentemente noto como os personagens adquirem vida própria e saem do meu controle.

Sendo assim, um servidor que se torna mais do que um personagem e que é designado para alterar minhas atitudes ou o mundo material, certamente é

muito mais do que um produto que se restringe à minha mente.

Essa é apenas a visão que geralmente opto por adotar. Minha visão escolhida também depende da operação mágica que me proponho a realizar. Há trabalhos de magia que funcionam melhor dentro de modelos específicos.

De acordo com a Irmã Miriam Joseph, em seu livro "Trivium", a verdade poderia ser definida dentro de três categorias:

1- Verdade Metafísica: conformidade de uma coisa com a ideia desta.

2- Verdade Lógica: conformidade do pensamento à realidade.

3- Verdade Moral: conformidade da expressão à realidade.

A epistemologia contemporânea considera outros modelos além desse, já que o Trivium era usado nas escolas da Idade Média. No entanto, podemos utilizar essas categorias para reflexão.

Uma ideia pode ser verdadeira dentro de uma das categorias da verdade e não ser em outra. Por exemplo, pode ser correta na lógica e não ser verdadeira moralmente. Kant demonstra a existência moral de Deus, enquanto Santo Anselmo a demonstra de maneira lógica. Contudo, sua existência metafísica divide ainda mais opiniões.

E agora vamos a alguns exemplos de intuição intelectual, no mesmo livro:

1- Metafísica: todo efeito tem uma causa.

2- Lógica: proposições contraditórias não podem ser ambas verdadeiras.

3- Matemática: coisas iguais a uma mesma coisa são iguais entre si.

4- Moral: o bem deve ser feito e o mal evitado.

5- Psicológica: minha consciência dá testemunho da minha livre vontade.

Como previamente dito, tendo sido o Trivium e o Quadrivium moldados dentro da filosofia escolástica, eles já estão um pouco desatualizados. Vamos às réplicas:

1- Sabemos que nem todo efeito tem necessariamente uma causa. Basta ler as ideias de Hume sobre causação. Na prática, as coisas possuem várias causas. Ou pode ser apenas força de hábito enxergar causas em tudo. Talvez as coisas não tenham causas e achamos que sim pela necessidade do cérebro de encaixar os eventos.

2- Eu posso enxergar uma flor como tendo cor amarela e uma abelha pode a enxergar vermelha. Ambas proposições são contraditórias, contudo verdadeiras sob diferentes pontos de vista, já que a cor não é uma propriedade da matéria. Talvez outras coisas também não sejam, como aponta a filosofia de Berkeley.

3- É engraçado pensar que o próprio cristianismo não segue esse axioma de Euclides da matemática, já que a ideia de Santíssima Trindade contraria essa proposição. Jesus é Deus, o Espírito Santo é Deus, mas Jesus não é o Espírito Santo. Eis o mistério da Santíssima Trindade. De fato, é muito misterioso...

4- Segundo Leibniz, a existência do mal gera um bem maior a longo prazo. Porém, aplicar uma proposição universl para o particular poderia não ser o melhor movimento.

5- Será que temos mesmo livre arbítrio? Essa permanece uma questão sem solução. Assim como temos a impressão de que as coisas possuem causas, também temos a impressão de livre arbítrio. O pensamento cartesiano já é posto em dúvida há muito tempo.

Como vê, essas sentenças são baseadas num pensamento dualista: a causa e o efeito; a verdade e a mentira; o igual e o diferente; o bem e o mal; a consciência e o mundo; o livre arbítrio e o destino.

Alguns desses pensamentos podem ser válidos dentro do paradigma da dualidade. Contudo, quando pulamos fora dele adquirimos um novo universo de pensamentos e associações, que nos dá mais possibilidades.

Tais possibilidades não existem somente no "Mundo das Ideias". Agora iremos investigar como aplicar essas teorias na prática, explorando nossa terceira pergunta: "Para que serve a magia?"

Capítulo 3: O Utilitarismo Espiritual

No capítulo anterior, concluímos que podemos operar a magia através de modelos. Ela é algo múltiplo. Não se pode definir a magia plenamente e satisfatoriamente, uma vez que não é possível apreender sua natureza. Nós somente a enxergamos através de nossas impressões da realidade.

E o que é possível fazer com a magia? Quais seriam seus limites?

Em seu livro "Brain Magick", Philip H. Farber lembra que há aqueles que tratam a magia como se ela tivesse um fim em si mesma e que há muitos sistemas de magia que apoiam essa ideia.

A arte, por exemplo, pode ter objetivos de contestação política e social, mas também pode ter como finalidade reflexões diversas ou simplesmente a apreciação. É a "arte pela arte". De forma análoga, existe a ciência pura e a ciência aplicada. Muitas vezes, grandes desenvolvimentos na ciência pura podem levar a uma aplicação futura.

Em "The Book of Baphomet" é ditto que os críticos da Magia do Caos ocasionalmente entendem mal a orientação para fazer "magia com resultados". Um rito como a Missa do Caos B, por exemplo, demonstraria que a magia possuiria um propósito mais amplo do que ser um truque de bater punheta para um sigilo para receber dinheiro prontamente.

É preciso ressaltar que os caoístas não são contra a chamada magia que resulta em ganhos materiais

mensuráveis. É muito importante não perder de vista a valorização do corpo e da matéria, ou isso representaria um retrocesso. Afinal, por muito tempo o espírito foi visto como superior ao corpo. O caoísmo não tem nenhuma intenção de reforçar esse paradigma e tomá-lo como absoluto.

O ocultismo sempre teve uma influência religiosa poderosa. Como sabemos, na maior parte das religiões existe uma supervalorização do aspecto espiritual em detrimento do material e essas ideias penetraram na magia profundamente.

A valorização da alma ou espírito é um ponto de vista interessante, pois nos traz a reflexão de que a matéria pode não ser a única realidade. É muito fácil ser enganado pelos sentidos físicos e pensar que a matéra é a verdade e tudo que não pode ser captado pelos nossos sentidos é mentira.

No entanto, o dualismo cria problemas. Quando o mundo é dividido em dois existe a tendência de considerar que um aspecto dessa dualidade é melhor que outro, em vez de encará-los como simplesmente diferentes e celebrar a beleza na diversidade.

De um lado, estão os magistas que defendem a evolução espiritual como meta suprema e que consideram magias para obtenção de ganhos materiais como objetivos inferiores e frívolos. Do outro lado, estão os magistas que desdenham ou até questionam a existência do espírito. Muitas vezes consideram a si mesmos como seus próprios Deuses e julgadores e possuem uma meta predominantemente hedonista (ou, como diria Spare: "Eu mesmo ainda não vi um homem que já não fosse

Deus"). Para esses, a magia para obter ganhos materiais não deve ser condenada e sim celebrada.

A Magia do Caos, por propor paradigmas tão amplos, não se encaixa perfeitamente nem no RHP e nem no LHP. Porém, quando é para classificá-la de um dos lados dessa dualidade, ela geralmente é encaixada no LHP, por sua ligação mais fraca com a religião e também por adotar em suas práticas muitas áreas do conhecimento tidas como "mundanas".

Alguns caoístas apreciam essa reputação sombria e espinhosa do LHP e até mesmo desenvolvem muitos feitiços que poderiam ser classificados como "magia negra".

Como dizem, a magia negra é a magia que "o outro" faz. É a magia que não entendemos.

Por isso, é muito fácil chamar uma magia com a qual não concordamos de "magia negra". Ela se encaixaria em toda magia que vai contra os nossos princípios. Mas o que é considerado magia negra para um, pode não ser para outro.

Os livros sagrados das religiões abraâmicas estão repletos de relatos de anjos que realizaram uma série de atos que, a nosso ver, seriam altamente questionáveis. Os praticantes de tais religiões geralmente respondem a isso dizendo que a sabedoria de Deus estaria acima da compreensão humana. Portanto, um ato considerado cruel por nós pode ser bom aos olhos de Deus. Por isso quando alguém realiza um ato ruim, mas sem a consciência de que o ato foi mau, não teria cometido um pecado.

A própria Magia de Abramelin representaria o ápice dessa aparente contradição. O magista chama seu anjo, para depois dominar demônios e obter

benefícios materiais através dos Quadrados Mágicos. Afinal, isso é RHP ou LHP? Tecnicamente é RHP, já que o sujeito está com um anjo de Deus e tudo que vem dele só poderia ser bom. Partindo do pressuposto de que seu anjo não é amigo de Lúcifer ou Samyaza.

Essas tentativas de encaixar diferentes sistemas em definições artificialmente criadas podem até facilitar a sistematização, mas certamente criam classificações insatisfatórias e incompletas.

É o nosso velho desejo de que as coisas se encaixem umas com as outras e façam sentido na nossa cabeça... mas a realidade é muito mais rebelde e feroz.

Como diz Jaq D Hawkins em "Understanding Chaos Magic", não existem feitiços próprios da Magia do Caos. A técnica de sigilos usada na MC foi desenvolvida por Spare e os magistas apenas a pegam emprestado e acham que usar sigilos significa "usar Magia do Caos", quando na verdade usá-los significa "fazer magia de Spare".

A mensagem de Spare é que cada um deveria desenvolver seus próprios métodos de magia. Os sigilos e servidores se tornaram populares simplesmente porque são métodos fáceis e rápidos para obter resultados práticos e imediatos. O caoísmo é comumente visto como um metassistema da agilidade no mundo do fast-food. Seria quase como uma magia fast-food e é usada como tal.

Sim, a agilidade e o pragmatismo são aspectos importantes da MC. Mas isso não define tudo o que ela é.

Note que não é errado ou inferior usar feitiços rápidos para obter efeitos imediatos. Em nossa época e vivendo nosso estilo de vida das grandes cidades, é raro ter tempo livre. A maior parte das pessoas reclama que gasta muito tempo estudando e trabalhando e quase não sobra tempo para o lazer. Porém, na hora do lazer querem que tudo seja muito rápido: que a velocidade da internet seja rápida, que a espera na fila seja rápida. Para isso, é preciso que as pessoas trabalhem cada vez mais rápido.

Vivendo nesse paradigma da velocidade, é natural que nossa magia também seja veloz. Na Grécia Antiga ou na Idade Média europeia, quando atividades lúdicas (e possivelmente a própria magia, já que para estudar os grimórios medievais era preciso saber ler) eram um privilégio de uma pequena elite com muito tempo disponível, fazia sentido criar uma operação de magia na qual se passa seis meses em isolamento.

Nos dias de hoje achamos positivo que muita gente tenha acesso ao conhecimento e pelo menos a maioria de nós (eu espero) se coloca contra a escravidão ou a servidão. Apesar de todos os problemas, o capitalismo ainda parece melhor do que o modo de produção escravista antigo ou do que o feudalismo. E independente de qual sistema econômico, político ou social o magista prefira, ele deverá lidar com a realidade em que vive e colocará para si mesmo a seguinte problemática: "Como posso ser um magista realizado no mundo capítalista?"

Em primeiro lugar, você deve aceitar que, vivendo no sistema econômico cujo foco é o capital, você deverá lidar com dinheiro. Não adianta fazer cara feia

e dizer que não gosta de dinheiro. Não adianta considerar o dinheiro como algo baixo, inferior, dizer que ele corrompe e que é a origem de todo mal. Nada disso vai funcionar, a não ser que você decida virar monge ou eremita e viver numa floresta ou no topo de uma montanha.

Mesmo que você decida viver de forma simples, eventualmente terá que lidar com dinheiro para sobreviver. Enxergar o dinheiro como um demônio só ira dificultar a sua vida.

Faça as pazes com o dinheiro. Em vez de enxergá-lo como um Deus ou demônio superpoderoso que domina sua vida, algumas vezes é útil vê-lo como um meio de troca, cujo valor foi artificialmente criado em nosso pacto social.

Nós vivemos num tipo de jogo social, no qual inventamos regras e valores para facilitar. Frequentemente grupos de pessoas alteram as regras ou acham furos nelas para atender seus próprios interesses. Porém, não vai adiantar muito você passar o resto da sua vida somente se queixando do quanto você odeia essas pessoas e o sistema em que você vive e se considerar a única vítima injustiçada de um mundo cruel.

Mesmo que vivêssemos no melhor sistema possível, cercados de pessoas legais, os problemas não terminariam. O mundo nunca será perfeito e, desculpe dizer, mas você também não. Por mais que você construa uma mente de diamante para si, ela sempre fraqueja.

Em vez de buscar uma perfeição inatingível, algumas vezes é melhor aceitar que vivemos num mundo imperfeito e que nós mesmos somos repletos

de defeitos. Cabe a nós apenas fazer o melhor que podemos, dentro do tempo que temos e das circunstâncias em que vivemos.

Alguns magistas desejam atingir a iluminação, obter a Pedra Filosofal ou salvar o mundo. Tudo isso é muito interessante e muito nobre, mas nem todos os magistas desejam se aventurar nesses objetivos difíceis e não devem ser julgados por isso.

A maioria de nós não tem tempo, dinheiro ou força de vontade o bastante para se aventurar nesses supostos destinos incríveis dos grandes heróis. Sim, a maior parte de nós, meros mortais, somos somente humanos, temos família, preocupações mundanas, socamos o computador quando a internet cai ou xingamos o imbecil que fez uma barbeiragem no trânsito.

Pode ser que você pratique magia por décadas e no fim de sua vida continue xingando o mesmo imbecil. Isso não significa que você não evoluiu em sua prática. Cada pessoa tem suas qualidades e defeitos e a maior parte das mudanças que ocorrem dentro de nós ao longo de nossa jornada são sutis. Mas elas estão lá. Aos poucos você vai aprendendo e se tornando uma pessoa melhor. O objetivo da magia não é virar um santo.

Além disso, cada magista tem focos diferentes. Pode ser que para um o objetivo seja ganhar muita grana. Para outro o objetivo pode ser se tornar cada vez mais gentil. Aos olhos do magista que ficou rico, um magista pobre, mesmo que gentil, não avançou nada. E aos olhos do magista que se tornou mais gentil, o magista rico que não teria avançado em

nada, já que aos seus olhos o dinheiro não teria tanta importância.

Como vê, é uma questão de tentar se colocar no paradigma do outro. Não há nada de errado em tentar se tornar uma pessoa mais gentil através da magia, tendo uma finalidade mais espiritual, contanto que você não considere magistas que porventura sejam rudes como fracos ou como "pouco evoluídos no caminho espíritual".

De modo análogo, um magista que opta por se focar em resultados práticos para a magia pode, naturalmente, usar sua magia para obter muito dinheiro. Porém, seria equivocado da parte dele julgar magistas com pouco dinheiro como praticantes ignorantes e pouco poderosos.

No meu caso, eu não sou assim tão gentil, não sou rica e não tenho poderes psíquicos (com exceção de uns raros momentos na meditação). Segundo esses parâmetros, eu seria uma magista de merda, ahahaha! (sim, eu me orgulho da minha condição, pois ao menos eu tenho bom humor para rir disso!)

No caoísmo é muito comum haver o foco na conquista material. Isso não significa que não existam os caoístas mais espirituais, que podem até acreditar em Deus e ter uma religião. No extremo oposto, há os caoístas quase ateístas.

Há também o que eu chamo de "caoístas camaleões", que seriam os lendários magistas que ficam pulando de um paradigma para outro o tempo todo. Na prática, pouca gente faz isso, pois cada um tem seus sistemas preferidos.

Devido a esse foco excessivo em magia com sigilos, servidores e busca por resultados imediatos,

Steve Dee no livro "Chaos Craft" propõe o movimento do "Slow Chaos". Ele lembra que muitas ordens de magia só estão interessadas em "indivíduos altamente motivados", devido ao estilo do ocultismo ocidental, de aprender a fazer o máximo de coisas no mínimo de tempo possível. No entanto, algumas vezes poderíamos seguir o conselho de Bob e abraçar a preguiça! Afinal de contas, muitos de nós se envolveram com o ocultismo pelo desejo de sonhar uma vez mais e não para adquirir mais um compromisso estressante.

Então para responder a pergunta "Para que serve a magia?" eu diria: "Para o que você quiser que ela sirva". Ela nem mesmo precisa "servir" para alguma coisa. Nós que temos essa mania de desejar que as coisas sejam úteis, dentro de critérios especificamente estabelecidos por nós do que seja a utilidade.

Digamos que o critério de utilidade que você criou seja: "uma coisa só é útil quando me dá conhecimentos de botânica". Você passa a ler somente livros de botânica. Quando subitamente pega um livro sobre outro assunto (digamos, zoologia) você perde a vontade de ler porque conclui que está perdendo seu tempo, a não ser que você crie uma associação mental entre zoologia e botânica e se convença de que o livro de zoologia te dará um conhecimento indireto sobre sua área de interesse.

Você passa a se recusar a fazer um ritual de magia se não tiver uma planta consigo e começa a escrever na internet sobre a supremacia da magia com plantas, falando sobre a importância evolutiva delas, seus poderes curativos e julga todos os magistas que não fazem magia com plantas como ignorantes. Somente

você é inteligente, porque além da prática possui a base teórica da suprema magia da botânica.

Até que você vai ao Jardim Botânico local da sua cidade, tem um orgasmo e morre. No seu testamento, você deixou bem claro os tipos específicos de flores que deseja ter em seu caixão. Você espera reencarnar como planta. E você consegue!! (eu tinha que colocar um final feliz nessa merda de história). Infelizmente você é devorado por um cavalo (Nomnomnom!!! Se apenas você tivesse lido aquele livro de zoologia para evitar essa situação...)

Bem, acho que você pegou a ideia. Os magistas que ficam insistindo que somente seus objetivos para a magia são os melhores, se parecem com uma criança que quer se exibir para seus amiguinhos que seu carrinho de brinquedo é o mais sofisticado e o mais caro. Foda-se isso, porque os carrinhos feitos com prendedores de roupa (ah, que nostálgico!) funcionam tão bem quanto!

Alguns magistas sempre insistem que você está se iludindo e que está fazendo tudo errado. Que o seu objetivo deveria ser mais gentil, ou mais rico, ou ser capaz de mover uma bosta com o poder da mente. Eles dizem: "Você deveria estar estudando cabala e não perdendo seu precioso tempo estudando essa porcaria aleatória chamada Magia do Caos!!" (como se um caoísta não pudesse estudar cabala simultaneamente, mas tudo bem...).

E até mesmo entre os próprios caoístas existem as polêmicas sobre "como se pratica MC corretamente". Como foi dito na introdução, seria meio precipitado eu grudar um chiclete na cadeira e dizer "isso é

caoísmo". E você me pergunta: "Mas e se eu grudei o chiclete enquanto concentrava minhas energias para realizar uma magia de amor, para 'grudar' na pessoa que costuma sentar naquela cadeira?". Nesse momento eu responderia: "OK, agora podemos conversar".

É muito difícil julgar uma magia apenas observando seus preparativos no mundo material ou seus resultados físicos. Cada um deve fazer seus testes e descobrir o que funciona melhor para si: uma preparação mental mais longa ou uma material.

Como diz Peter Carroll em "Liber Kaos", a ridícula dualidade entre espírito e matéria deve desaparecer no novo paradigma. A própria separação entre objetivos materiais e espirituais para a magia já é precipitada. No fundo, eles caminham juntos.

O magista do caos tem algum poder tanto sobre o espírito quanto sobre a matéria, pois essas coisas podem ser criações mentais do magista (ou mesmo divindades estabelecidas pelo pacto social).

Finalmente, quem quer usar magia "apenas para diversão", sem ter como meta poder, conhecimento ou conquistas espirituais, tampouco deve ser julgado. O caoísmo pode ser muitas coisas: tanto uma magia pesada para maldições, como uma magia leve que gera grandes gargalhadas e momentos inesquecíveis.

Em seu livro "How To See Fairies" Ramsey Dukes diz que é totalmente a favor de explorações alegres da magia e que as críticas exageradas a essa postura refletiriam um puritanismo dogmático daqueles que não gostam de ver pessoas se divertindo.

E vamos banir com risadas!

Capítulo 4: Os Psiconautas e os Exercícios Diários

Agora que já respondemos o "quando", o "o que" e o "para que" da magia, iremos responder o "como".

Você já tem uma ideia de onde veio o caoísmo, do que ele é e para que ele serve. E agora eu te convido a perguntar: "como fazê-lo funcionar?".

Primeiro tire da cabeça essa bobagem de que prática é superior à teoria. Se você acha isso, é melhor fazer um movimento para fechar todas as universidades e só deixar os cursos técnicos.

É preciso ter um equilíbrio. Devido ao caráter fortemente pragmático da Magia do Caos, muitos acham que devem apenas sair lançando sigilos por aí e que leitura não importa. Contudo, a leitura abre a mente e é essencial que o magista do caos tenha a mente aberta para transitar mais facilmente entre os diferentes paradigmas.

Patrick Dunn menciona o termo "magista de poltrona" e lembra que ele é usado de forma pejorativa. Ele considera o desprezo pela teoria da magia um disparate intelectual. Quando as pessoas dizem coisas como "Não me importo como minha magia funciona, eu só me importo que ela funcione" ele diz que isso é semelhante a falar "Eu não tenho curiosidade intelectual e acho que isso é uma virtude".

Teoria e prática não são mutuamente exclusivas. Na verdade, há vários momentos em que elas se

confundem, como no caso do que eu chamo de "magia literária" (a habilidade de alterar o estado de consciência lendo histórias e direcionar o sentimento para um objetivo mágico específico).

Segundo algumas pessoas, a prática seria superior à teoria primeiro por causa daquela história de que "o mapa não é o território" (Bob discorda). E depois porque, conforme dizem, há muitos teóricos da magia e raros seriam os magistas que realmente levantam a bunda da cadeira para segurar uma espada num círculo, pronunciando frases prontas em uma língua que eles mesmos não entendem (eles chamam isso de prática).

Mas será que existem assim tantos teóricos da magia? Eu realmente gostaria de saber onde estão essas figuras lendárias! Depende da definição de "teórico". O "estudioso" da magia é o "ocultista fodão da internet" (o Ian Morais escreveu um livro com esse título, o O.F.I, e eu não resisti em citá-lo), que sempre tem opinião sobre tudo, mas que raramente lê um livro de ocultismo? Se for essa a definição, é claro que está cheio de teóricos na internet, assim como está cheio de magistas praticando magia realizando rituais ao estilo "receita de bolo".

É claro que todos têm o direito de ter uma opinião sobre os mais variados assuntos, mesmo sem conhecer a fundo. Ninguém tem a obrigação de saber de tudo. E rituais estilo "receita de bolo" podem ser divertidos e são ótimos especialmente para quem está começando.

No entanto, eu noto que algumas vezes as pessoas usam o argumento de "prática é superior à teoria"

como uma desculpa para não ler. É super bacana ler artigos sobre magia na internet e debater sobre eles, pois isso enriquece muito. Contudo, também vale muito a pena ler livros completos sobre magia, pois geralmente eles apresentam mais detalhes e é possível conhecer o assunto mais a fundo.

Sendo assim, téoricos da magia que realmente leram muitos livros de ocultismo e conhecem várias áreas a fundo continuam a ser raros. Assim como são raros os magistas que criam seus próprios rituais e sistemas e os testam.

Por favor, não deixe de ler. Eu não acho que leitura seja superior a nenhuma forma de entretenimento (jogos, filmes, etc). No entanto, enquanto ainda não existem documentários ou jogos educativos sobre uma extensa gama de assuntos, os livros ainda são uma das maiores fontes de conhecimento. Existem jogos e filmes sobre magia (e até sobre ocultismo) que são excelentes para dar ideias e aumentar a criatividade. Mas a teoria da magia e dicas de exercícios ainda se encontram, em sua maior parte, em livros e artigos da internet.

É uma pena que não existam mais traduções de livros de caoísmo em português. Porém, caso não saiba inglês, procure ler boa parte do que tem tradução. E ler livros de magia tradicional também é ótimo. Afinal, existem muitos autores que embora não se considerem caoístas, possuem abordagens criativas. A divisão de MC e magia clássica nem sempre é tão definida, já que é comum os magistas flertarem entre esses dois estilos (e muitos outros!).

Caso você deseje uma abordagem mais psicológica para a magia, tente ler pelo menos alguns livros de

psicologia. Ou se decidir fundamentar sua magia em qualquer outra área do conhecimento (não precisa ser uma área acadêmica) dê uma lida nisso também.

E como alguém tem tempo para parar e ler um livro em nosso mundo capitalista dominado pela velocidade? Ler cinco páginas todo dia antes de dormir já faz com que você avance numa leitura, contanto que você seja guerreiro e mantenha sua rotina de leituras diárias.

Eu confesso que não sou a pessoa mais motivada para seguir rotinas diárias. Eu funciono melhor lendo um livro de uma tacada só, mas para isso tenho que passar horas seguidas lendo. Cada um deve encontrar o estilo de leitura que funcione para si.

Podemos aplicar um pensamento semelhante para os exercícios diários. Algumas pessoas funcionam bem realizando exercícios de magia quinze minutos por dia. Outras preferem separar um fim de semana e passar uma ou duas horas seguidas num ritual.

Como a magia funciona? Talvez nós nunca saibamos disso. No máximo, podemos bolar teorias elegantes, inteligentes ou divertidas. Podemos obter algumas pistas de como a magia parece funcionar tanto através de nossas leituras como através da realização de rituais.

Digamos que você precise realizar o ritual "A" para obter o efeito "B". Vamos supor que a magia deu certo e você conseguiu B. Pode ter sido uma coincidência, certo? Como diz Ramsey Dukes, esse detalhe não importa, contanto que o magista seja capaz de trazer à tona tais coincidências.

Se o magista repetir o ritual dez vezes e na maior parte delas obtiver B, ele pode começar a desconfiar

que sua magia tem, de fato, alguma relação com o efeito obtido.

Contudo, o que realmente acontece por trás dos panos nós nunca saberemos. Digamos que o ritual A desencadeie o efeito C e que na verdade é o C que causa B e não A. O magista pode nunca saber disso e achar que seu ritual que é responsável pelo efeito que obteve, quando na verdade foi apenas uma causa indireta.

Isso importa? Algumas vezes é interessante investigar essas coisas e teorizar sobre isso, seja por curiosidade ou porque através dessa reflexão você pode ter ideias realmente originais e ousadas para montar seus próximos rituais. Também pode ser que obtenha efeitos ainda melhores.

O magista do caos é como um alquimista em seu laboratório de experimentos. Ele testa seus resultados e vai alterando as variáveis até chegar em algo que lhe sirva.

Ele pode continuar usando o mesmo modelo por muito tempo, mas é legal que ele teste novas possibilidades de vez em quando. Não é preciso realizar algo novo e ousado todo dia religiosamente! Só se deve manter em mente que é bacana testar novas formas de ver e praticar magia de tempos em tempos.

É recomendável que o magista se divirta enquanto faz seus testes. Caso ele realmente tenha preguiça de ler ou de realizar práticas de magia (ou não goste, por qualquer razão) quem sabe ele não tenha selecionado bem seus livros ou suas práticas. O ideal é escolher um livro que ele realmente tenha alguma curiosidade para ler e uma prática com a qual se identifique.

No entanto, se ele tiver resistência até mesmo para ler ou praticar coisas de seu interesse, recomenda-se que tente fazer ao menos um pequeno esforço para sair de sua zona de conforto e estabeleça a tal prática diária de quinze minutos. Ou que seja ao menos cinco minutos! O importante é manter um equilíbrio entre o dever e a diversão.

Como sabemos se uma magia funcionou ou não? É recomendável sermos bem específicos e não vagos em nossos desejos, para haver critérios nos quais possamos nos basear e assim entender se o feitiço teve sucesso.

Porém, se o magista é inseguro, se está começando ou se ainda não acredita muito em magia, é sugerido que ele comece testando coisas mais fáceis.

Alguns magistas deixam de fazer feitiços por medo de falhar. Enquanto outros fazem feitiços toda hora, sempre cobiçando os resultados.

Esses são dois extremos. Não é muito bom deixar de fazer alguma coisa por medo do fracasso. Por outro lado, usar dez sigilos por dia por causa de qualquer coceira pode significar que o magista é um maníaco por controle. Ele não consegue aceitar que em alguns momentos ele simplesmente não será capaz de fazer com que o mundo caia aos seus pés e está sempre desejando acertar a todo segundo. Quando erra um sigilo, ele encara como um fracasso pessoal e acha que não é um magista bom o bastante.

É geralmente aceito que um bom estado mental para praticar magia seria colocar-se num equilíbrio entre esses dois extremos: não deixar de praticar

magia por medo de fracassar, mas também não cobiçar tanto assim os resultados.

Você deve lançar o sigilo e depois se esquecer dele. Não deve ficar ansioso e querendo que ele funcione. Apenas lance-o e fique com o sentimento de que fez a sua parte. Não tente tampouco controlar os caminhos pelos quais o sigilo irá atuar.

No artigo "Magick, Ecstasy and the Quest" (publicado no Kaos Magick Journal Vol 1 Nº2) Dave Lee fala sobre a questão do controle. Ele observa que muitos magistas do caos tendem a considerar que magia é a mesma coisa que feitiçaria e pensam que se não houvesse algum resultado objetivo seria religião ou misticismo. Ele cita o tão conhecido paradoxo, já mencionado, de cobiça por resultados. E conclui que a magia pode ser vista como a busca de poder entre a tensão dinâmica de êxtase e controle.

Na Magia do Caos existe a ênfase na gnose, que seria o termo usado para alteração de consciência. São usados métodos inibitórios (métodos lentos de concentração, como meditação, para diminuir a respiração e os batimentos) ou excitatórios (como danças que são mais rápidas e aceleram o corpo). Você pode interpretar essas técnicas como a via úmida e a seca da alquimia. Ou pode usar a via mista também.

Eu já repeti isso incontáveis vezes nos meus livros e vou repetir de novo: não é necessário alterar seu estado de consciência para praticar magia ou para realizar um ritual ou feitiço bem sucedido.

Vou exemplificar esse ponto com a analogia dos utensílios cerimoniais. O magista que veste um manto, usa uma espada, velas e cria todo um teatro

para seu ritual o faz principalmente para inspirar a mente. Ele deseja criar uma atmosfera diferente para induzir uma quebra de rotina, com o intuito de que tal roupagem externa resulte numa alteração mental, ou mesmo alteração de consciência.

Porém, sabemos muito bem que um magista habilidoso e bem treinado pode atingir o clima do ritual ou alterar seu estado de consciência sem realizar alterações externas, mas somente mentais.

Podemos ir ainda mais longe. Um magista que realmente confie em suas habilidades e que já tenha um histórico de práticas mágicas pode até mesmo realizar magias sem alterar o estado de consciência.

Afinal, o que seria uma alteração de estado mental? Em poucas palavras, seria um momento de "super concentração". Quando estamos perdidos em pensamentos no ônibus podemos nem notar o que está acontecendo ao nosso redor. Ou quando estamos muito concentrados num livro, podemos até deixar de escutar o que está sendo dito nas proximidades.

Esse é um bom estado que auxilia o foco no objetivo do ritual e facilita sua execução. Contudo, não é um requisito absoluto e insubstituível.

No livro "Chaos Craft" os autores recordam da importância do holismo. Nós somos treinados a nos focar numa única coisa e esquecemos do poder de olhar para o todo, para ter uma visão mais ampla da situação. É o caso dos xamãs ou animais que percebem de longe quando uma ameaça se aproxima, pela alteração dos pássaros, árvores e outras sutilezas do meio ambiente, que normalmente passariam despercebidas por alguém não treinado.

Tal estado de consciência também é poderoso para lançar magias.

Além disso, a concentração não é a única ferramenta para canalizar as energias de um ritual. Várias vezes eu já alterei meu estado de consciência numa meditação completamente ao acaso, enquanto pensava na morte da bezerra. O poder da aleatoriedade também é valorizado na MC.

Por isso, tente testar formas inusitadas de ativar a força de seu ritual.

Como é dito no mesmo livro, muitos consideram que o caoísmo reflete não somente a flexibilidade do pós-modernismo, mas também sua superficialidade e consumismo explícito. Muitos acabam deixando o caoísmo de lado por considerá-lo muito raso e logo partem para escolas de magia que consideram "espiritualmente mais profundas e românticas" (será que eles consideram suas próprias imaginações rasas?).

Eu vejo isso principalmente como uma paixão por história, mitologia, tradição e religião. Essa paixão é digna, mas nós estamos vivos agora! Não precisamos viver somente com uma nostalgia do passado. Nós estamos criando agora nossa própria história. Frequentemente nos esquecemos disso e estudamos a história do ocultismo como se fosse uma coisa estática que não estivesse acontecendo hoje. Essa é uma história da qual somos protagonistas.

É muito mais seguro usarmos uma meditação para alterar nosso estado de consciência, já que esse método já foi extensivamente testado e provou ter bons resultados. É um desafio apaixonante deixar esses métodos de lado e sair em busca de aventuras.

Assim como é difícil fazer magia com sua roupa do dia a dia e seus objetos do dia a dia, também é difícil fazer magia com seu estado mental do dia a dia.

Encare isso como um convite para que você traga um pouco de magia para sua rotina. Você não precisa deixar de ser você mesmo (nem por fora e nem por dentro) para se portar de forma mágica.

Por alguma razão, provavelmente por influência de livros de fantasia, nós achamos que um mago só é mago quando usa chapéus grandes e tem uma varinha ou que um magista só faz uma magia efetiva quando seu estado de consciência se altera para qualquer coisa diferente daquele mais usual.

Meditações, projeções astrais, sonhos lúcidos. Os magistas são apaixonados por essas coisas, porque eles acham mágico que nós exploremos outros mundos que não seja o nosso!

Fazer essas explorações é obviamente apaixonante, mas deixo aqui o convite de que você tente achar a magia escondida dentro de seu mundo atual e de sua mente atual em vez de sempre precisar, de certa forma, "fugir" da sua realidade diária monótona.

Quem sabe assim você passe a considerar sua vida mágica e não monótona. Passe a ver o seu pijama velho e surrado como um poderoso manto cerimonial! E sua mente preguiçosa e distraída como um pontecial infinito de poder mágico!

Esse é o primeiro exercício diário que eu sugiro para você nesse capítulo: tente achar pelo menos uma coisa mágica em seu dia, que seja o ato mais comum possível.

Os magistas adoram exercícios diários e alguns acham que um livro não está completo sem eles. Deve haver um capítulo sobre teoria, de preferência cheio de termos técnicos e simbologia incompreensível. Depois deve haver um capítulo de exercícios diários do tipo: "fite a chama de uma vela, visualize uma bola vermelha e depois dê um tiro na cabeça após morrer de tédio fazendo isso".

Na verdade esses exercícios são úteis. Mas se você pode fazer exercícios divertidos com efeitos semelhantes, por que vai optar pelos chatos?

O ideal é que você crie seus próprios exercícios e vá alterando conforme percebe que funcionam melhor para você. Também é possível bolar suas próprias teorias da magia com base em temas que te atraiam.

Vamos supor que você é super fã de um jogo. Bole uma teoria da magia de que a magia na verdade se originou no mundo do seu jogo e cada vez que você passa de uma fase energiza seu servidor, que é um dos monstrinhos do jogo. Seu exercício diário será lançar uma magia parecida com aquela bola de fogo que o personagem lança no inimigo. Você irá lançar a bola de fogo em um bonequinho que represente o servidor de seus obstáculos. Depois de uma semana irá queimá-lo.

Enfim, esse foi só um exemplo. A vantagem de ler um livro de MC não é reproduzir literalmente todos os rituais e exercícios mostrados lá, mas inspirar-se neles para criar os seus. E se você se inspira em, digamos, cinco livros diferentes de caoísmo, a probabilidade de seu ritual se tornar mais criativo e

efetivo aumenta, já que você teve contato com mais ideias (tanto teóricas quanto práticas).

Evidentemente, ideias não seguem uma lógica matemática. Elas podem vir de qualquer lugar.

Considerar que o mundo convencional é o "mundo real" e que o mundo dos sonhos ou outros estados de consciência são ilusórios ou menos legítimos também pode ser visto como uma forma de limitação. O nosso mundo e nosso estado mental desperto não são necessariamente mais verdadeiros que outros. Porém, como é o mundo e o estado em que costumamos nos encontrar (e geralmente nossa intenção é alterar essa mente e esse mundo) é muito importante desenvolver magias que nos permitam trabalhar neles.

O ideal seria romper essa dualidade de "estado convencional" e "estado alterado" e de "mundo convencional" e "mundo dos espíritos".

Quando alteramos o estado de consciência numa meditação temos a impressão de que penetramos num mundo diferente. Ou quando evocamos um espírito para nosso mundo achamos que abrimos um portal e que o espírito veio lá da outra dimensão.

No entanto, nós consideramos que esses estados e dimensões são coisas separadas apenas para facilitar a sistematização. Na prática, é provável que eles sejam praticamente a mesma coisa. Pode haver vários espíritos dançando no seu quarto atrás de você nesse exato instante.

Mas, pobrezinho, você só aprendeu a fazer magia com estado de consciência alterado e não é capaz de vê-los!

Até que eu já me acostumei a fazer magia sem utensílios e sem alterar o estado de consciência. É claro que é super divertido usar os utensílios e experimentar outros estados, até porque não quero enferrujar. Também é muito útil trabalhar nesses outros paradigmas. O caoísta deve ter a habilidade de saltar entre diferentes modelos, em vez de mexer apenas em um.

Uma das vantagens de fazer magia de mãos vazias e com a mente convencional é a agilidade. Você pode estar em qualquer lugar e lançar um feitiço. Pode piscar e com isso lançar uma porra de um feitiço!!

Alguns chamam isso de magia instantânea ou o ato de fingir que você alterou seu estado de consciência ao apenas estalar os dedos, usando o "Finja até que atinja". Eu acho ainda mais efetivo convencer a mente de que você simplesmente não precisa alterar seu estado mental e nem mesmo fingir que alterou.

É apenas um cacoete do magista achar que ele deve estalar os dedos ou piscar os olhos para ativar sua magia. Uau, daqui a pouco vamos chegar num nível tão absurdo de simplificação que você vai fazer magias sem nem se mexer ou pensar nelas.

Seria esse um tipo de niilismo mágico ou uma preguiça de pegar os utensílios e ir praticar? Em alguns casos pode até ser. Contudo, eu ainda acho mais grave a preguiça mental, pois alguns preferem fazer as coisas do mesmo jeito, só porque sempre deu certo assim, do que parar para pensar que é possível obter um resultado tão excelente com metade do trabalho.

Note que os procedimentos da MC não visam apenas facilidade e praticidade, mas também diversão, criatividade e êxtase. Ah, e incontáveis outras coisas! A imaginação é o limite, pelo menos nesse caso.

Muitas vezes um caoísta tem muito mais trabalho do que um magista tradicional. Há todo o trabalho mental e físico de desenvolver um ritual próprio, quando seria mais fácil simplesmente copiar um já pronto.

Então não é que uma abordagem seja mais fácil ou melhor que outra. Elas são somente diferentes e visam tipos de magistas diferentes (ou o mesmo magista com humores diversos).

Um magista pode estar a fim de fazer um ritual já pronto num fim de semana e no próximo fim de semana pode criar o seu próprio. Por que não? Afinal, quem come laranjas não precisa deixar de comer cenouras por causa disso.

Mas voltando ao tema da magia niilista, digamos que você precise de dinheiro. Uma opção seria você fazer um ritual para obter dinheiro, que pode dar certo ou falhar. Outra opção é você se convencer de que não precisa tanto assim de dinheiro e ficar satisfeito com o que tem.

Na verdade eu não chamaria isso de magia niilista, mas de bom senso. Eu acredito que na vida nós precisamos fazer escolhas. É meio difícil você querer ser, ao mesmo tempo, um engenheiro naval e um advogado, como a personagem Celine de "Illuminatus! Trilogy". São duas áreas que exigem imensa dedicação (bem, qualquer área exige imensa dedicação se você realmente deseja ir fundo!).

Ou digamos que você queira ser ao mesmo tempo um médico, um historiador, um químico e um dançarino. Você pode até conseguir, como aqueles caras de antigamente que eram mil coisas ao mesmo tempo (porque obviamente eles tinham muito tempo disponível devido aos escravos que sustentavam a pequena elite da qual eles faziam parte). Descartes, por exemplo, tinha uma herança que o sustentaria até o fim da vida, então ele simplesmente optou por se especializar nas mais diversas áreas do conhecimento em seu tempo livre (que era sua vida inteira).

Hoje em dia ainda existem situações semelhantes a essas, mas como sou uma otimista incorrigível, gosto de acreditar que as coisas estão melhores.

Seja como for, seria sábio você escolher um número limitado de coisas para fazer em sua vida, ou não conseguirá se focar realmente em nenhuma delas. Da mesma forma, você pode aplicar esse pensamento para a magia (a não ser que você tenha um pacto pessoal com Fotamecus).

Fazer um monte de rituais o tempo todo para os mais diversos objetivos pode, no máximo, te tornar excelente em acender e apagar uma vela muito rapidamente.

Se você não está apenas jogando na loteria, seria interessante focar mais as suas metas ritualísticas para ter resultados objetivos, a não ser que você faça magia e rituais para adicionar mais emoção e diversão em sua existência.

Digamos que você queira trocar o seu fogão, a sua geladeira e a sua cama por novos, mas você só tem dinheiro para trocar um deles. Você decidirá apenas escolher entre um dos três naquele momento ou irá,

imediatamente e sem pensar, sair atrás de dinheiro o mais rápido possível para sempre conseguir comprar tudo o que seus caprichos exigem, sem nem mesmo parar para analisar se você realmente precisa ou não de coisas novas?

Decidir simplesmente não fazer um ritual ou feitiço para se obter algo que precisamos não é necessariamente sinal de fracasso. É sinal de que o magista é ponderado e reflete antes de agir. Ele escolhe bem onde irá empregar seu tempo e energia.

Mas o estilo de cada magista é diferente. Alguns curtem uma vida louca. Tudo bem, não vamos julgar!

O próximo capítulo conterá a tal prática, com sugestões de exercícios diários simples, alguns modelos de sigilos e servidores e um modelo de ritual.

Capítulo 5: O Ritual da Morte Caótica Iluminada

Usarei essa ocasião auspiciosa para te apresentar Baphoo, mascote da capa do livro. O nome dele vem da junção de Baphomet + voodoo.

Como pode ver, Baphoo (ou Bafu, que seria outra possibilidade de grafia, aportuguesada) é um boneco de voodoo. Ele aprecia estar todo espetado, pois nem todo alfinete lhe machuca. Alguns o fortalecem.

Ele gosta de meditar na posição de lótus, pois suas pernas de tecido e algodão são muito flexíveis.

Seu olho direito é um botão e seu olho esquerdo é costurado no formato de uma caosfera. Ele é desdentado porque frequentemente fala o que não deve e as pessoas lhe metem não somente alfinetes, mas socos na cara.

Seu passatempo é imitar o Bode de Mendes, com a mão direita apontando para o céu e a mão esquerda para a terra. Ele tem até mesmo chifres, que atravessam seu chapéu de feiticeiro.

Muitas vezes os bonecos de voodoo não têm sexo definido, especialmente este que tem algum parentesco com Baphomet. Porém, Baphoo optou por ser do sexo masculino. Afinal, sabemos que ninguém precisa continuar a ser de um sexo só porque nasceu com ele. As pessoas nasceram peladas, mas nem todo mundo opta por andar pelado pela rua só porque nasceu assim.

Baphoo tem um namorado chamado Vooddha (voodoo + Buddha, ou simplesmente Vuda, em português). Ele é gay. Bem, ambos são gays.

Ele tem uma amiga chamada Voodet (voodoo + Baphomet; ou Vudet), que é completamente apaixonada por Baphoo. No entanto, ele não liga para ela. Pelo menos não sexualmente.

Eu estava pensando em fazer um capítulo chamado "Os Segredos da Vida Sexual dos Bonecos de Voodoo" para contar todos os detalhes sobre esse triângulo amoroso e especialmente para falar das preferências de Baphoo na cama (ou no banheiro, na cozinha, na garagem, etc), mas é melhor deixar isto para outra ocasião, ou iremos fugir do assunto.

Eu provavelmente vou me arrepender de não ter escrito esse capítulo. Já estou até vendo: no momento da minha morte esse será meu único arrependimento na vida.

Para servir de consolo, em vez de falarmos de sexo falemos de morte, já que é um assunto tão parecido. Ou seja, em vez de falarmos de Eros trataremos de Thanatos.

Em "The Book of Baphomet" os autores oferecem uma reflexão sobre a morte da perspectiva biológica. A morte seria essencial para a vida. Quanto mais um indivíduo passa por divisões celulares, maior a probabilidade de ocorrer erros de transcrição de DNA. Por isso é tão comum ocorrer câncer em idade avançada.

Na ecologia, é usado o conceito de trade-off para explicar que as adaptações evolutivas nunca são perfeitas. Para que seja obtida uma nova vantagem evolutiva, frequentemente é preciso obter uma

desvantagem. Por exemplo, se víssemos tão longe quanto uma águia, o preço a pagar seria não vermos bem as cores ou não termos uma visão com tanta profundidade. Se os ossos fossem mais fortes, eles não quebrariam tão facilmente, mas não poderíamos mais realizar muitos movimentos.

No livro "The Story of the Human Body" por Daniel E. Lieberman, o autor observa que o ser humano não evoluiu para ter saúde, vida longa e felicidade. Ele não possui adaptações para isso, já que não seria interessante no contexto evolutivo. O que mais interessa é passar os genes adiante.

Biologicamente, não é vantajoso que os seres humanos sejam imortais, pois isso representaria um imenso gasto de energia. É muito mais fácil e efetivo que o ser humano atinja a imortalidade como espécie e não como indivíduos.

Vamos supor que existisse uma espécie de mosca imortal. Digamos que ocorreu uma mutação nessa espécie e ela se tornou imortal. Em seus primeiros dias de vida, a mosca coloca 99 ovos. Ela geralmente é devorada por predadores até seu 20º dia de vida, mesmo sendo potencialmente imortal.

Ocorreu uma nova mutação numa das moscas, que agora faz com que ela coloque 100 ovos em vez de 99. Porém, devido ao processo de trade-off, o preço a pagar por esse ovo adicional seria ela tornar-se mortal. A partir de agora, ela morre em seu 30º dia de vida, mesmo que não seja devorada por predadores, devido à energia adicional que usou para colocar esse outro ovo.

O que seria mais vantajoso do ponto de vista evolutivo? A mosca imortal costuma ser devorada até

seu 20º dia de vida e já coloca todos os seus ovos em seus primeiros dias de existência. Sendo assim, é óbvio que um ovo a mais representaria uma vantagem incrível e a abdicação da imortalidade não seria um preço tão alto.

Esse foi apenas um exemplo inventado (não por mim, mas um exemplo semelhante foi mencionado por um professor que tive). Ele demonstra que mesmo se ao acaso surgisse uma mutação da imortalidade em um ser humano, ela poderia não representar tantas vantagens quanto imaginamos. O processo de trade-off em troca dessa imortalidade poderia fazer com que o ser imortal sofresse uma série de doenças e problemas genéticos que mesmo que não o matassem fariam com que ele passasse por muita dor.

Sem contar o custo social envolvido: manter essa imortalidade seria certamente caríssimo e o privilégio de poucos. De um lado haveria uma pequena elite de imortais capazes de pagar os altos custos médicos dessa condição (transplantes de órgãos, dentre outros). De outro ainda haveria pessoas que morreriam de fome sem nem mesmo atingir a expectativa de vida considerada normal para um ser humano de nossa época.

Pessoas muito doentes sabem que a morte não é necessariamente a pior opção. Nós temos a tendência a pensar que a morte é a pior coisa que pode nos acontecer. Porém, não é bem assim.

Existe o paradoxo da entropia versus negentropia, mencionado no livro "Epoch", de Carroll, no trabalho com os Grandes Antigos de Lovecraft. Hastur seria o guardião desses segredos. Em tempos

de guerra, muitos avanços acontecem, mas guerra é uma merda. E como lidar com a guerra dentro de nós? Em momentos de dor nós aprendemos muito sobre a vida, mas nós não queremos dor. Contudo, há alegria por causa da dor.

O mago deve ficar atento para essas aparentes contradições inerentes à existência (ou pelo menos são situações que soam contraditórias na nossa mente). Ele não irá resolver todas essas questões somente com lógica ou ciência, embora elas sejam poderosas ferramentas.

Os sentimentos também estão em jogo. E basta lembrar que as coisas nem sempre precisam fazer sentido. É nossa mente que tem a necessidade de encaixar o mundo inteiro como se fosse um quebra-cabeça.

Eu prefiro enxergar o mundo como um emaranhado que eventualmente se enrosca aqui e ali. Quem sabe uma teia de aranha (para honrar o número 8) que é muito firme e poderosa, mas que cedo ou tarde se quebra.

A parte mais divertida para mim é que quando as coisas parecem aleatórias e sem sentido, eu vejo espaço para criar sentidos e formas. Se o mundo já estivesse com tudo pronto e encaixado, sobraria pouco espaço para a criação.

É bonito ver as coisas se encaixando. Mas quando tudo se encaixa pode vir o sentimento de tédio e vazio. Quando nunca se encaixa e é preciso sempre estar bolando novas formas de viver, a emoção prevalece.

Lon Milo DuQuette diz que quanto mais envelhece, ele parece entender menos sobre a vida,

mas cada vez mais parece menos importante entender tudo. Em compensação, quanto mais o tempo passa mais ele aprecia a experiência toda.

Acho que quando somos jovens ou quando estamos começando na magia nossa tendência é desejar fazer coisas grandes como desvendar segredos escondidos, obter poderes grandiosos ou adquirir uma felicidade imensa.

Mas por que precisamos desvendar apenas os segredos que estão escondidos? A vida nos sopra segredos a cada respiração. Algumas vezes as coisas mais difíceis de perceber são as que estão diante de nosso nariz. A resposta estava lá, o tempo todo, mas temos a falsa impressão de que ela sempre está no lugar onde não estamos.

Ter a capacidade de caminhar e de falar, por exemplo, são habilidades tão incríveis que já são, por si só, como poderes grandiosos. Novamente, nós não prestamos atenção nas coisas fantásticas que já conseguimos fazer com nosso corpo e nossa mente e sempre corremos atrás de poderes que nos parecem mais difíceis.

Isso é explicado por uma ideia da psicologia social chamada "justificação de esforço". As pessoas tendem a colocar um valor bem maior numa coisa que exigiu muito esforço para ser atingida. Esse é um dos motivos da existência dos ritos iniciáticos, que ocorrem não somente no ocultismo, mas em festas de aniversário ou cerimônias de casamento, por exemplo. Para que a data adquira um maior valor na nossa mente, nós criamos uma situação complexa ao redor dela. São como os instrumentos ritualísticos da magia cerimonial.

E por que nós precisamos de todos esses segredos e dificuldades, cerimônias terríveis e maravilhosas? Por um lado, estamos moldando nosso próprio sistema de crenças e isso tem valor como parte do processo de construção mental. A diferença é que o caoísmo enfatiza que aquilo tudo é somente um paradigma que escolhemos adotar.

Finalmente, nós não precisamos necessariamente de algo como a iluminação para adquirir uma grande felicidade (ou bem-aventurança, ou "apagar"). É muito fácil para os ocidentais simpatizarem com uma religião como o budismo, que possui uma lógica apurada e efeitos que encantam a mente. Os textos budistas e os estados alterados de meditação são como uma teoria e prática apaixonantes para substituir a aparente falta de sentido e o suposto Deus invisível das religiões abraâmicas.

Contudo, qualquer um que já tenha lido os livros de notáveis teólogos como Santo Agostinho e especialmente São Tomás de Aquino (que são basicamente Platão e Aristóteles interpretados sob uma ótica cristã) irá se encantar com a lógica fantástica por trás da religião cristã. Pense comigo: a Igreja Católica dominou todo o conhecimento acadêmico por séculos. É claro que depois de todo esse tempo pensadores muito inteligentes bolaram teorias rebuscadas e grandiosas para o catolicismo.

Eu acredito que boa parte da paixão dos ocidentais pelas religiões indianas, além do forte teor racional dos ensinamentos, é porque se trata de algo exótico aos nossos olhos. O cristianismo é visto como "comum" por nós. E nós temos uma especial predileção pelo diferente, pelo secreto, pelo

fantástico, como pelos ensinamentos herméticos da magia tradicional.

Além do mais, muitos não querem esperar por um paraíso após a morte, mas desejam encontrar a "felicidade última" ainda em vida, como prometido pelo budismo. Esse pensamento é curioso, pois eu percebo que muitos teólogos interpretam o céu cristão como um estado da mente obtido ainda em vida. Na verdade, as ideias apresentadas no livro "A Noite Escura da Alma", por São João da Cruz, não são tão diferentes assim da proposta do budismo (especialmente porque os carmelitas seguem uma linha mais mística, buscando um contato mais direto com o divino).

Assim como existe a divisão de jhanas materiais e imateriais no budismo Theravada (os materiais seriam um êxtase do corpo e os imateriais um êxtase da mente), no livro mencionado há uma divisão entre o "êxtase dos sentidos" (que se obtém por fortes orações, meditações e jejuns) e o "êxtase espiritual" (que teria menos relação com o corpo), os quais o autor separa nas duas partes do livro: "Noite do Sentido" e "Noite do Espírito".

O catolicismo chama suas etapas espirituais de "os dez degraus da escada". O budismo chama de Sotapanna, Sakadagami, Anagami e Arahant. O estado de iluminação budista equivaleria a atingir o décimo degrau da escada. Nesse momento, nas palavras de São João da Cruz, a alma se tornaria semelhante a Deus e até mesmo seria Deus, por participação.

Muitos dizem que o budismo seria o "cristianismo oriental" (incluindo Carroll). Eu devo concordar. Eu

até mesmo traduziria a "Noite Escura da Alma" como a batalha de Buda contra Mara. É uma espécie de retrocesso necessário para avançar. Não se pode ir sempre para frente. É preciso tropeçar no caminho, ou não haverá aprendizado algum.

São muitos os ocultistas que se identificam com a Noite Escura da Alma cristã, pois representa um momento de desafios e dificuldades na jornada espiritual. É comum relacioná-la com a cabala, em particular com a travessia do Abismo de Daath. Pode existir mais de uma Noite Escura na vida do magista, e é o que geralmente se observa.

Um dos grandes triunfos do LHP é apresentar um ponto de vista diferente do vigente. É esperado que os magistas busquem a luz, a alegria e o prazer e se esqueçam que a dor e a morte são etapas naturais da vida. No livro "Nightside of Eden", por exemplo, Kenneth Grant nos fornece um lado mais obscuro da narrativa do jardim do Éden bíblico, incluindo versões apócrifas e sob a luz de diferentes mitologias. Ele oferece as ferramentas para se escalar os ramos da Árvore da Morte, identificando o Abismo como o local no qual o dragão de oito cabeças reside (conforme detalhado na obra "Apophis" de Michael Kelly).

Grant enfatiza que as sephiroth não são rodas ou discos como se vê num diagrama em 2D, mas globos multidimensionais. Outra observação muito interessante é a de que não importa se as entidades com as quais o magista trabalha são entidades extraterrenas do espaço exterior ou habitantes subjetivos do espaço interior, pois isso faria pouca diferença ao ocultista prático.

Thomas Karlsson em sua obra "Qabalah, Qliphoth and Goetic Magic" fala do Caminho Nobre, que é a via do Guerreiro Espiritual, seguindo pelo meio dos ramos da Árvore. Diferente do pilar esquerdo da severidade e do pilar direito da piedade. Mais adiante perceberemos que existem diversas maneiras de escalar a árvore, mergulhando nas conchas e mundos de emanação. Afinal, quem pode dizer ao certo aonde um túnel dimensional poderá levar? Isso também depende de seu estado mental ao atravessá-lo (quando a energia dos chakras conecta-se à vibração do plano).

Segundo o autor, os gnósticos clamaram que o Deus do Velho Testamento era o verdadeiro diabo e a Serpente do Jardim do Éden era o Salvador. As sephiroth e as qliphoth seriam somente as duas saídas da mesma toca do coelho. O entendimento de Deus só seria possível através do contato com o diabo e a vida eterna não ocorreria após a morte, uma vez que morte e vida são unas, assim como a Árvore da Vida e a Árvore da Morte.

Eis uma possível explicação de muitas operações clássicas de teurgia apresentarem uma etapa de goécia. Sabemos que as religiões abraâmicas se originaram do Zoroastrismo e nessa religião bem e mal possuíam a mesma força.

Karlsson aponta uma das alternativas à subida da kundalini: enquanto o adepto RHP deve começar a subir na árvore a partir de Malkuth, o adepto LHP pode pegar alguns atalhos pelas conchas das qliphoth. Haveria três chakras escondidos em Ajna: Golata, Lalata e Lalana.

Na prática, para nós isso significa: não existe apenas um caminho correto e absoluto para trilhar a tal senda espiritual. Não importa se você busca uma união com o divino (com seu eu, com seu "não eu", com a natureza ou do que você queira chamar) ou se seus objetivos são materiais. Há várias maneiras de chegar a eles.

E após todas essas reflexões sobre a morte do ponto de vista biológico, religioso e cabalístico para introduzir o tema, vamos ao nosso ritual.

O objetivo do ritual será inspirar o magista a encarar a morte de forma mais natural, ou sob diversas perspectivas. O ponto de vista vigente na época em que vivemos é que a morte do corpo significa o fim completo do indivíduo e é tida como triste. Portanto, um pensamento diferente desse seria encarar a morte como uma continuidade da vida e como algo não tão triste quanto parece.

Como já foi previamente apontado, a morte não é necessariamente a pior coisa que pode haver, pois certamente existem dores físicas e mentais piores que a morte. Ela pode representar uma libertação. E a vida continua nos seus filhos, ou, mesmo que você não gere filhos, ela prossegue nos outros seres humanos, ou mesmo nos outros seres da Terra.

Em última instância, você não desaparece, pois seu corpo físico se funde aos demais elementos da natureza e você ainda será lembrado pelas pessoas que o conheceram. Mesmo se alguém não está pensando diretamente em você, algo que você fez ou disse continua a mostrar seus efeitos na vida de diferentes pessoas direta e indiretamente por muito tempo.

Esse é o tipo de pensamento que se deve manter para a realização desse ritual: ver a morte como uma caixinha de surpresas com incontáveis possibilidades e não encarar a morte como aniquilação completa. No budismo se busca a aniquilação da noção do "eu" e do karma; e a vida eterna das constantes reencarnações que é a prisão. Já no cristianismo a vida eterna no paraíso que é buscada. Como vê, é a mesma ideia interpretada sob pontos de vista diferentes. Basta mudar um pouco as palavras e a intenção que logo uma prisão se torna uma libertação.

Para esse ritual você precisará de:

1- Uma flor

2- Uma pena de ave

3- Uma caixinha

4- Um isqueiro ou caixa de fósforos

5- Um recipiente metálico ou de vidro

6- Um copo com água

7- Um estilete, alfinete, tesoura ou outro objeto cortante

8- Uma folha de papel

9- Uma caneta

OK, chega!! A meta desse ritual é ser simples, que contenha poucos utensílios e que estes sejam acessíveis. Se eu acrescentar elementos demais, vai estragar o espírito da coisa.

É claro que se você é daqueles magistas que amam uma cerimônia toda elaborada, pode decorar seu altar com um monte de flores bem coloridas, escandalosas e perfumadas. Aproveite e vista uma roupa multicolorida (calça verde-limão, blusa rosa pink,

essas coisas) para afastar a tristeza da morte. E no final tem dancinha!!

Serão usados quatro servidores para esse ritual: o Servidor da Pena, o Servidor das Pétalas, o Servidor dos Cabelos e o Servidor Secreto. O desenho de cada um deles será mostrado no Apêndice, com seus respectivos sigilos.

Há duas versões para esse ritual: a "Versão Leve" e a "Versão Extrema". A primeira é recomendada a ser usada caso você deseje encarar a morte em geral de forma mais leve ou caso tenha perdido um ente querido. A segunda é recomendada se você pretende partir em alguma aventura que ache que poderá ter risco de morte ou se você tem alguma doença com baixa possibilidade de cura. Tecnicamente a "Versão Extrema" também pode ser usada por alguém que planeja suicídio, mas eu prefiro que ninguém use o ritual para isso, senão eu vou ficar puta.

Para a Versão Leve são sugeridos três dias de preparação e para a Versão Extrema sete dias. Durante esse período você fará alguns exercícios diários apropriados, que irão treiná-lo para o ritual em si.

Sinta-se livre para adaptar esse ritual como lhe aprouver. Não é necessário segui-lo ao pé da letra. Este é só um modelo.

Você pode, por exemplo, substituir os nove utensílios ritualísticos por outras coisas, seja porque você não conseguiu obter um dos itens ou porque concluiu que acrescentando ou retirando uma coisa ou outra o ritual ficará melhor.

Caso você não disponha dos 3 ou 7 dias de preparação, você pode diminuir esse tempo ou até

mesmo eliminar a etapa de preparação. Ela é útil para acalmar ou acostumar a mente ao novo paradigma, mas se você está desesperadamente triste por causa da morte de alguém ou diante da perspectiva da própria morte, sinta-se livre para preparar o ritual imediatamente, da forma que conseguir improvisar.

É aceitável demorar um pouco para começar um ritual até reunir todos os itens necessários, e isso também faz parte da aventura. Porém, se você estiver demorando demais ou prestes a desistir de um ritual por causa desses detalhes, livre-se dos impedimentos e faça o ritual do jeito que puder.

Agora, aos preparativos. Uma vez por dia, preferencialmente no mesmo horário (meia-noite seria interessante), coloque em seu altar (pode ser um altar improvisado em cima de qualquer coisa) a pena, a flor e a caixinha. Pode ser uma caixinha fodida feita de papelão e colada com durex, tanto faz!

Pegue a tesoura e corte uma mecha bem pequena de seus cabelos. Agora você já tem os quatro receptáculos materiais para seus servidores. Caso você seja careca (ou tenha pouco cabelo), não consiga arranjar uma flor, uma pena e uma caixa, corte quatro pedacinhos de papel e desenhe os sigilos dos servidores neles. Se você tiver mais tempo disponível e quiser caprichar, faça o desenho dos quatro servidores em cartinhas, como se fossem cartas de tarot ou algo do tipo. Pode até colorir.

Diariamente você irá conversar com seus quatro servidores, um de cada vez. Poderá separar cinco minutos para bater um papo com cada um. Explique que você deseja que os servidores o auxiliem em seu ritual, para que você seja capaz de enxergar a morte

como algo orgânico e tão natural quanto a pena, a flor e seus cabelos.

Supondo que você esteja sem ideias para falar com as merdas dos servidores (eles são uns merdinhas, acabei de inventá-los, então eles ainda não são muito poderosos. Vão ficar mais poderosos conforme esse livro é lido e o ritual vá sendo testado por magistas por aí, aguarde!), aqui vão alguns dizeres pré-fabricados, que eu vou inventar agora:

"Olá Servidor das Pétalas! Já vi muitas flores ao longo de minha existência: flores vermelhas como sangue, flores brancas como leite, ou amarelas como o Sol. Elas coloriram e perfumaram minha vida por vezes sem conta. Agora vieram para colorir a morte. Por favor, querido servidor, me ajude a ver que a morte esconde a beleza da flor: ela murcha e perde suas pétalas, e nem por isso perde sua graça. Somente se transforma em novas sementes para germinar no jardim da vida que continua com a nova geração de rosas e margaridas".

No final da conversa, fite a flor por um momento e depois feche os olhos. Imagine o sigilo do Servidor das Pétalas. A seguir, abra os olhos, deixe a flor de lado e vá conversar com sua pena:

"Linda pena, já vi tantos pássaros! Eles voam tão longe, quem me dera voar como eles! Algumas vezes já voei em sonhos ou mesmo em pesadelos. Por favor, amado Servidor da Pena, segure-me se eu cair. A morte é como um grande susto que sela meus lábios. Faça-me abrir a boca para clamar que os pássaros voam tão longe que cruzam as dimensões da morte. Uma pena perdida é uma lição e não uma maldição".

Fite a pena, imagine seu sigilo. Agora pegue sua mecha de cabelos:

"Tenho carregado a morte comigo. Minhas unhas, meus cabelos, metade de mim sempre foi morte. Então por que acho estranho morrer, se a morte sempre esteve em mim? Não tenho mais medo. Magnífico Servidor dos meus Cabelos, mostre-me que andar de mãos dadas com a morte faz parte da vida. Não quero mais fugir dela. Nós odiamos aquilo que não entendemos. Eu quero entender. Quero amar. Quero ser livre".

Finalmente, após visualizar o sigilo do Servidor dos Cabelos, alcance sua caixinha:

"A morte é um grande mistério. Eu quero desvendar esse segredo. Não por cobiça, não por capricho, mas porque quero paz comigo. Eu serei morte, sou uma grande surpresa. Quando há perguntas sem respostas, as portas da criação se abrem. No fundo, sempre fui morte e fugi de mim mesmo. Por muito tempo eu só busquei aquilo que era vida. Não quero mais viver pela metade. Só quero viver de forma completa. E quero morrer como quem dança: após a festa mais louca, estou cansado. Quero dormir e sonhar".

Dizer coisas simples e graciosas assim será o bastante. Se o seu estilo for mais hardcore ou mais palhaço, altere os dizeres conforme lhe aprouver: com termos fortes ou com algumas piadas leves. Eu forneci dizeres mais genéricos, que podem ser utilizados com sucesso.

No final dos seus vinte minutos de preparação diária, guarde a pena, a flor e a mecha dos cabelos na sua caixinha. A caixa pode ser pequena o suficiente

para caber na palma da mão ou apenas grande o suficiente para caber todos os objetos mencionados, mesmo que você tenha que socá-los lá dentro.

No resto do dia, tente não pensar nos preparativos para o ritual. Faça coisas para relaxar, de preferência sem relação nenhuma com o ritual. Jogos, filmes, livros, qualquer coisa serve.

Agora irei fornecer a Versão Leve do ritual.

Após seus três dias de preparação, reúna todos os nove utensílios no seu altar.

Você não precisa decorar nenhum dos dizeres ritualísticos. Pode imprimi-los para ler ao longo do ritual, anotá-los ou mesmo deixar o computador por perto enquanto realiza sua cerimônia (partindo do pressuposto de que você não tenha o livro). Não há nenhum problema, a não ser que você se distraia com esse tipo de coisa. Nesse caso, suas opções são decorar os dizeres ou simplesmente inventar na hora o que surgir na sua mente com as emoções do momento.

Separe os quatro objetos que representam seus servidores (em inglês isso se chama "ground sleeve"). Depois disso, pegue o isqueiro ou fósforo e o recipiente. Você irá chamuscar o conteúdo da caixa com o fogo, incluindo a própria caixa.

Primeiro a flor:

"Servidor das Pétalas, libere seu poder pelo fogo"

Queime pelo menos uma das pétalas no recipiente. Certifique-se de que é um recipiente seguro.

Faça o mesmo com a pena, com os cabelos e com a caixa. Há o risco de você queimar o objeto inteiro por acidente. Se isso acontecer, não se abale. Encare

isso como um elemento adicional de emoção em seu ritual e improvise. Caso você tenha queimado a caixa, passe a enrolar suas porcariazinhas numa folha de papel.

Sim, o ritual vai ficando cada vez mais fodido. Divirta-se com isso! Você não precisa ser sério.

Pegue o copo d'água e tome um gole. Diga:

"A vida é insípida".

Pegue seu alfinete e fure o dedo. Quem tiver dificuldade em fazer isso, uma boa técnica é cutucar o dedo com o alfinete repetidas vezes. Vá aumentando a força e a velocidade gradativamente, até que uma gota de sangue surgirá no seu dedo, praticamente sem dor. Se não tiver um alfinete, serve a ponta de um compasso. Cuidado com o risco de contaminação. Você pode esterilizar o objeto fervendo ou com álcool.

Quem tiver calos nos dedos por tocar instrumentos musicais ou realizar outras atividades manuais, pode improvisar um pequeno corte em outra parte do corpo. Mas, por favor, não exagere. O ritual pede apenas uma gota de sangue. Não mais que isso.

A propósito, é provável que um calo se forme em seu dedo logo após a retirada do sangue. Ele não irá demorar muitos dias para desaparecer. Quando eu era adolescente eu realizava tantos rituais com sangue, incluindo escrever selos e sigilos com sangue, que eu ficava com calos em todos os dedos das mãos e precisava variar. Pelo menos as mulheres ainda possuem a alternativa de usar o sangue menstrual.

Magia com sangue costuma ser poderosa, especialmente devido à adrenalina do momento do

corte, mas recomenda-se que rituais de sangue sejam raros para não tornar o momento trivial.

Hoje em dia eu já não ligo muito para magia com sangue, já que você pode substituir a adrenalina gerada por qualquer outra coisa (bater punheta é sempre um clássico). Aliás, se você não quiser furar seu dedo porque você acha que essa parada de cutting no ritual é muito emo ou gótica, faça outra coisa. Digamos, CUSPA no seu copo d'água!! Seria uma alternativa com muito mais estilo, hã? Mas atenção, porque você terá que beber seu cuspe depois. Nós bebemos nossa própria saliva o tempo todo, então isso não chega a ser um problema.

Então vá lá, pingue uma gota de sangue na água, ou cuspa nela. Depois disso, beba mais um gole e clame:

"A morte é agridoce".

Não que seu sangue ou seu cuspe sejam realmente agridoces. E não que sua água seja a morte, paspalho!

Seu ritual é um teatro, caso não tenha percebido. Você apenas está fingindo ser foda, queimando coisas e cuspindo no seu quarto. Provavelmente você não tem nada melhor pra fazer naquela noite.

Depois de pingar a gota de sague, você pode usar o resto de sangue em seu dedo para carimbar seu papel. Se você optou pelo cuspe, apenas dê outra cusparada, dessa vez no papel em branco.

O que você irá escrever no papel depende do propósito de seu ritual: se estiver fazendo a operação apenas porque quer encarar a morte de forma mais leve, escreva no papel um monte de coisas horríveis que pensa sobre a morte. Podem ser frases ou

palavras. Podem ser até desenhos. Descarregue todo seu medo, tristeza e ódio!

Queime esse papel no recipiente. Integralmente.

Depois disso, pegue uma segunda folha de papel (ou corte sua folha em dois) e escreva pensamentos ou palavras positivas sobre a morte. Pode até desenhar um Sol ou arco-íris. Pegue lápis de cor ou canetinha colorida se preferir. Prepare algo bem feliz, que lembre a continuidade do ciclo da natureza.

Dobre seu papel cuidadosamente e guarde na caixinha junto com a flor, a pena e os cabelos. Deixe a caixa num lugar seguro e acorde cedo na manhã seguinte, de preferência pouco antes do nascer do Sol. Vá para o jardim de sua casa ou para a rua. Se não for seguro na rua nesse horário, espere mais um pouco. Escolha um local para enterrar sua caixa. Enterre bem fundo e deixe-a lá para sempre.

O ritual está finalizado. Se quiser, pode banir com gargalhadas e aproveitar o Sol do novo dia. Se estiver chovendo ou se for um dia nublado, encare como parte da poética do ritual e tente enxergar a beleza de um dia triste.

Depois disso, esqueça do ritual e vá fazer alguma coisa que te faça sentir bem. Pode ser uma atividade lúdica ou conversar com um amigo importante. Você pode escolher esse dia para iniciar um novo projeto que sempre quis fazer ou para programar atividades particularmente divertidas. Escolha atividades que você normalmente não faz no seu dia a dia, como ir a um fliperama ou ir comer em algum restaurante que você não vá há muito tempo. Também pode ser um passeio numa praça. Vá só ou acompanhado. Você

não precisa contar a ninguém porque aquela ocasião é especial, mas secretamente você sabe.

Uma parte de você morreu no ritual e assim permitiu que outra parte nascesse. É uma grande oportunidade para começar a viver mais intensamente e realizar seus sonhos, mas sempre com prudência.

Digamos que você esteja fazendo esse ritual porque alguma pessoa próxima morreu. Escreva no primeiro papel toda a tristeza ou frustração que sente pela morte dela e queime. No segundo papel, coloque coisas mais leves. Lembranças especiais e felizes. Guarde na caixa e proceda igualmente em todo o resto.

Essa foi a Versão Leve do ritual da morte. Agora vamos para a Versão Extrema.

A Versão Extrema somente é revelada e descrita integralmente na edição especial do livro, que custa 500 reais. Não, brincadeira. Eu não sou tão filha da puta.

Não faço a menor ideia de como é a Versão Extrema. Vou inventar agora qualquer bobagem que surgir na minha cabeça.

Os espíritos estão me dizendo (estão dizendo porra nenhuma!) que a Versão Extrema é essencialmente semelhante à Versão Leve, com algumas alterações.

Você terá que costurar um boneco de voodoo semelhante ao da capa. Ou seja, você terá seu Baphoo pessoal!! Até que não deu muito trabalho desenhá-lo, mas pelo menos ele terá uma função mais útil do que meramente decorar a capa.

Eu geralmente uso meias e encho com algodão para fazer bonecos de voodoo (querida, nem te conto quantos bonequinhos de voodoo já espetei por aí!! Sou a pessoa certa para dar dicas de como esburacar e cremar o seu boneco!). Você pode moldar o tecido da meia e costurar para formar as perninhas e bracinhos. É bem divertido!

É meio difícil fazer um boneco exatamente igual ao da capa. Nem eu sei se consigo. Se quiser, mude os detalhes. Ou pode mandar uma costureira fazer. Pode até comprar um parecido. Fique à vontade.

Ao longo da sua semana de preparação, você irá, além de energizar os servidores, fortalecer seu boneco de voodoo. Contudo, ele ficará fora da caixa e a cada dia você irá espetar nele um alfinete. Portanto, você precisa separar pelo menos sete alfinetes e talvez mais alguns extras para o dia do ritual.

A cada dia você irá dizer a ele coisas dramáticas como essas:

"Baphoo, minha paixão, minha luz, meu universo. Você sou eu. Você é a galáxia e o buraco negro. É o melhor de mim e o pior de mim. Eu me orgulho loucamente daquilo que fui, daquilo que sou e do que serei. Eu não mais serei em mim, mas serei em ti. Não tenho arrependimentos. Meu capricho, meu sorriso, minhas lágrimas, meu vazio absoluto. Estamos atados para todo sempre, na tristeza e na alegria. Só restou a dor, mas sou o alquimista que faço da dor meu triunfo e minha ambição de viver para sempre. Bonecos não morrem, eles se transformam. Fui boneco na vida, espantalho do

destino, mas serei o rei da morte no fim dos meus dias"

Use um barbante e prenda simbolicamente seu pulso no pescoço de Baphoo. Deixe o barbante atado no pescoço dele enquanto não estiver em uso.

A preparação para a Versão Extrema irá durar meia hora diária: vinte minutos para ativar os servidores e dez minutos para ativar o seu boneco. Baphoo conterá uma parte de você. No final dos seus dizeres, sopre no rosto dele e imagine que está passando para ele o sopro de sua vida.

No dia tão esperado do ritual, você irá fazer tudo conforme foi descrito para a Versão Leve. Porém, irá acrescentar no final o seu trabalho com o boneco.

Você irá pendurar Baphoo pelo pescoço com o barbante e prender em algum lugar alto do seu quarto (ou num galho de árvore, se estiver ao ar livre).

Nesse momento, você preferencialmente estará usando um chapéu de bruxo semelhante ao do boneco e terá dois chifres na cabeça. Também é possível substituir o chapéu por uma coroa, mas os chifres são importantes (sugiro usar a coroa do Burger King). Você irá dançar e gargalhar. Se estiver ao ar livre, aproveite e prepare uma fogueira! Se estiver em casa, convido-o a improvisar uma pequena fogueira: queime coisas dentro de uma caldeira de ferro ou outro recipiente grande, como uma panela.

Para quem não está acostumado a lidar com fogo em rituais, por favor, tome as devidas precauções. Eu sempre conto aquela história do dia em que eu queimei a cadeira e a escrivaninha do meu quarto num ritual na época do colégio, então é melhor você

evitar esse tipo de emoção. Ela não é exatamente necessária.

E lá está você dançando como um maluco, com toda a sua elegância e seus chifres! Muito bem, é esse o espírito! Você se sente orgulhoso. Nesse momento, clame: "BAPHOO! OOHPAB! PABOOH!" muitas vezes.

Mas você não estará dançando qualquer dança e sim a Dança da Morte, Danse Macabre ou Totentanz! Geralmente inclui alguma variante da tarantela.

Se você simplesmente não liga para danças sofisticadas, fique de quatro como um bezerro e berre: "Béééé!!!" Apenas grite isso com toda a força de seus pulmões ou arranhe a garganta com uma voz de taquara rachada. Ora, você sabe como é! Eu sei que você sempre quis ser um bezerro, eis sua oportunidade! Agora sim você se sente como um digno bom selvagem de Rousseau!

Se estiver no humor apropriado, sugiro que aproveite e berre esse breve diálogo, que eu traduzi a partir do artigo da Wikipedia "Danse Macabre" (sim, você vai usar a Wikipedia até à beira da morte, meus pêsames):

"Imperador, sua espada não irá te ajudar!
Cetro e coroa são inúteis aqui
Eu te tomei pela mão
Pois você deve vir à minha dança"
Dance mais um pouco e depois finalize:
"Quem foi o louco? Quem foi o sábio?
Quem foi o mendigo ou imperador?
Sejam ricos ou pobres, todos são iguais na morte"

Pegue um pedaço de pau ou galho e comece a bater no seu boneco de voodoo enquanto se entrega

a gargalhadas insanas. E de preferência certifique-se de que você está num local isolado o suficiente (mas também seguro o bastante) para que ninguém te olhe estranho ou chame a polícia. Esse detalhe é importante, não o subestime!!

Pegue mais alguns alfinetes, fure os olhos de Baphoo, a cabeça e o coração. Arranque a cabeça dele com uma faca e depois lance-o na fogueira.

Quando fizer isso, grite, elevando as mãos ao alto:

"EU SOU O COMETA HALLEY!!!"

Em meio à empolgação, acrescente:

"TENHO UMA INCLINAÇÃO DE 162,3º E VOLTAREI DIA 28 DE JULHO DE 2061!!"

Depois disso, jogue-se no chão (a uma distância segura da fogueira) e fique deitado lá por um tempo contemplando as estrelas. Antes de se jogar no chão você pode optar por girar repetidas vezes até ficar tonto. Dessa forma, quando cair no chão tudo estará girando. Ou pode já estar girando, dependendo do que você tomou antes, além do seu cuspe com água.

No fim de tudo, apague sua fogueira, deixe tudo limpinho, enterre sua caixinha, guarde tudo e volte para casa.

Parando para pensar agora, este pode não ser um bom ritual para se fazer quando se está perto de bater as botas. EU não faria essa merda! Imagino que se eu estivesse à beira da morte eu teria coisa melhor para fazer, como passar meu tempo com família e amigos. A não ser que meus amigos fossem ocultistas e quisessem pirar um pouco comigo, caso eu estivesse no clima.

Aliás, eu nem disse o que o cara da Versão Extrema vai escrever em suas folhas de papel. Então,

que ele escreva o que lhe aprouver! Estou certa de que um sujeito que imitou um bezerro (ou bode, ovelha, enfim, você decide) enquando espancava um boneco de voodoo e que se transformou no Cometa Halley está muito acima de nosso entendimento humano e mortal e escreverá coisas nobres em seus pedaços de papel.

Note que eu ainda não testei esses rituais, pois acabei de inventá-los. As dicas que eu dei são válidas porque já realizei rituais parecidos com esses no passado. Ainda pretendo testar pelo menos a Versão Leve do ritual eventualmente, mas não sei se isso já terá acontecido quando você estiver lendo esse livro.

Portanto, experimente esses rituais sob sua própria conta e risco. E sobre a Versão Extrema do ritual, A AUTORA NÃO SE RESPONSABILIZA por interpretações insanas ou por leitores sem senso de humor. Para todos os efeitos, essa versão fica proibida para menores de 18 anos. Os menores de idade só poderão fazer o ritual com a autorização de seus pais (?). Dizem os rumores que os seus pais irão simpatizar com o ritual caso eles tenham uma visão extremamente aberta e avançada.

Ah, sim, eis a lista de utensílios adicionais para a Versão Extrema:

1- Boneco
2- Alfinetes
3- Cordão, barbante ou similares
4- Pedaço de pau ou galho
5- Chapéu ou coroa e chifres
6- Faquinha básica

Tudo certo! Acho que com isso finalizamos o nosso belíssimo ritual. Até esqueci o nome. Ah, "O

Ritual da Morte Caótica Iluminada"! Esse nome é brega pra caralho e por isso mesmo exala alguma elegância.

Não sei se esses rituais irão exatamente fazer com que você veja a morte de forma mais positiva, mas eles certamente irão abrir sua mente e te darão novos pontos de vista sobre a morte.

Bom, quem sabe você não precise de um ponto de vista assim TÃO amplo!

Você é um recém-chegado no caoísmo e busca coisas mais leves? Então pode bolar alguns rituais divertidos baseando-se nesse modelo. Ou pode criar seus próprios sigilos e servidores e mandá-los executar tarefas diversas para treinar.

Para saber mais sobre servidores, sugiro meu livro "Salve o Senhor no Caos".

Para mais informações sobre como construir seus próprios sistemas de magia, leia meu "Grimório da Insolência".

Finalmente, para criações mágicas em geral, dê uma olhada em "Agracamalas". Pode ser uma boa fonte de inspiração, especialmente se você quer usar Maria de Agracamalas para trabalhos com a morte em vez de Baphoo. Mariazinha é um pouco mais tranquila de lidar.

Sobre exercícios diários divertidos para caoístas, posso sugerir algumas coisas:

1- Construção dos próprios utensílios de magia: não é exatamente um exercício, mas fazer sua própria varinha ou desenhar seu próprio tarot é algo bem criativo. Em vez de usar um galho de árvore para a varinha, tente inovar e monte uma com objetos comuns (canetas, lápis, escovas de dentes, celulares,

etc). E você também pode inventar novas cartas com nomes inusitados, como "Os Travesseiros Flutuantes", "Sua Mãe" e "Meu Rabo". Os desenhos poderão ser altamente simbólicos ou sutilmente diretos.

2- Medite sobre alguma merda e em posições incomuns. E que tal juntar os dois? Medite enquanto estiver cagando! Finalmente você conseguiu bolar uma utilidade sagrada para o trono, além de sua utilidade mundana (que também é muito nobre). Eu ia sugerir meditar pendurado numa árvore, mas pode ser um pouco perigoso. Meditar enquanto se caminha de costas também envolve riscos. Sendo assim, seja criativo no teor das suas visualizações. Imagine que você agora é um demônio e está passeando pelo inferno. Bata um papo com o capeta. Enfie o tridente em alguns miseráveis. Ou se preferir uma meditação mais leve, imagine que é um duende caminhando no arco-íris com um saco de balas, e que você muda de forma cada vez que pisa numa cor diferente. Não sei pra que serviria essa porcaria. Para magias com transmutação?

3- Pesquise em algum livro bem velho de mitologia e experimente evocar um Deus e uma Deusa dos quais nunca ouviu falar. De preferência, escolha na internet um país que você nem sabe que existe, pesquise sobre as religiões de lá, estude-as e aplique a ritualística delas em seus rituais. As pessoas geralmente só procuram inspiração nas mesmas fontes, então tente ser original e olhar para onde ninguém olha. Você vai se surpreender. Outra vantagem é que você poderá falar com autoridade sobre aquele assunto e ninguém fará a menor ideia se

você está certo ou errado. Provavelmente só vão concordar com você para não admitirem as próprias ignorâncias.

4- Pegue várias palavras aleatoriamente no dicionário. Elas serão os temas para a construção de seu próximo ritual.

5- Os magistas costumam gostar de fazer exercícios diários do tipo: treinar a respiração, visualizar objetos, fitar uma bola de cristal. Você pode fazer tudo isso, mas alterando as partes que acha chatas. Técnicas de pranayama é algo muito amplo e você pode testar os efeitos de diferentes tipos de respiração para alterar seu estado de consciência (alguma orientação nisso é bom, especialmente nas respirações mais intensas). Escolha os objetos favoritos do seu quarto para visualizar e depois crie alguns. Eu sempre me lembro do "legume jupteriano" de Scott Cunningham. Invente frutas com penas, azuis com listras laranjas ou o que sua imaginação mandar. Bole seus métodos divinatórios, jogando salgadinhos para cima!

Eu não sou exatamente fã de exercícios diários, principalmente porque já fiz muitos quando estava começando na magia e me cansei deles. Mas se você é iniciante ou se simplesmente se diverte com eles, poderá criar muitas coisas fodas. É só sair da zona de conforto e experimentar alterar ligeiramente seus exercícios a cada dia. Anote os resultados e reflita sobre eles.

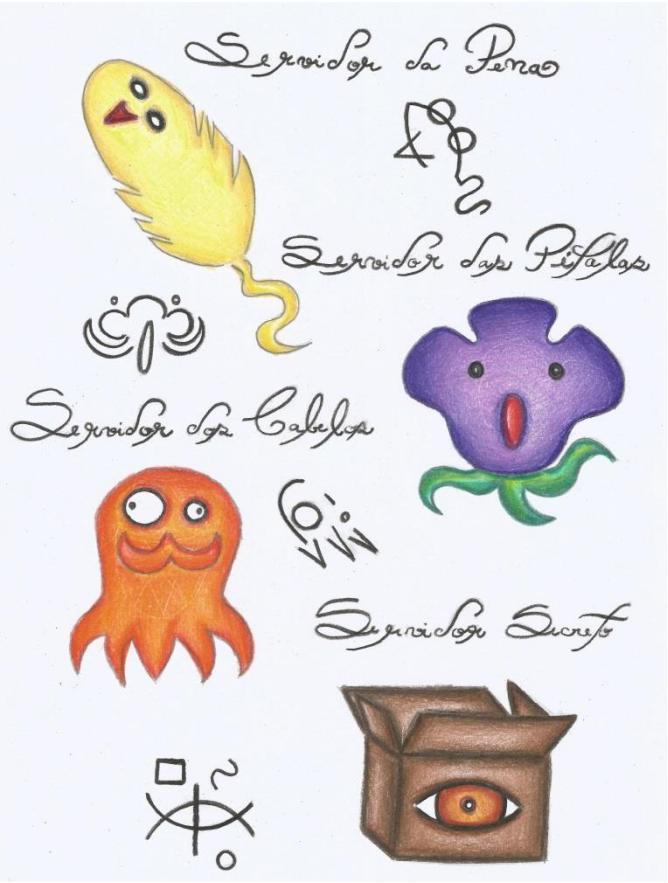
Boa sorte e boa morte. E, quem sabe, uma boa vida?

Choyofaque!


CHOYOFAQUE

Anexo 1: Servidores e Sigilos Pictóricos

Você deve estar se perguntando: "Que porra é essa aí embaixo?". Eu também estou me perguntando a mesma coisa. Mas essa merda funciona.



Anexo 2: Fotos do Ritual







Embora eu tenha dito ao longo do livro que ainda não fiz o ritual, não resisti e acabei fazendo. Acrescentei as fotos no último instante. Eu o fiz no auspicioso dia 13 de agosto. Ironicamente, não foi de propósito, mas caiu bem.

Esta é somente a Versão Leve. A Versão Extrema sugere um pouco mais de pimenta e insanidade.

Leituras Recomendadas

Magia do Caos:

* Understanding Chaos Magic, por Jaq D Hawkins

* KLF: Chaos, Magic and the Band Who Burned a Million Pounds, por John Higgs

* Epoch: The Esotericon & The Portals of Chaos, por Peter J. Carroll

* Postmodern Magic, por Patrick Dunn

* Chaos Craft, por Julian Vayne e Steve Dee

* The Book of Baphomet, por Nikki Wyrd e Julian Vayne

* Chaos & Sorcery, por Nicholas Hall

* Book of Lies: The Disinformation Guide to Magick and the Occult, por Richard Metzger

* Liber Malorum: Children of the Apple, por Sean Scullion

Filosofia:

* Mil Platôs: vol 1, por Gilles Deleuze e Félix Guattari

* Três Diálogos entre Hyllas e Philonous, por George Berkeley

* Cândido, ou O Otimismo, por Voltaire

* Elogio da Loucura, por Erasmo de Rotterdam

Outras Fontes de Inspiração:

* Man's Search for Meaning, por Viktor E. Frankl

* Obra Completa de Murilo Rubião

* Pau-Brasil, por Oswald de Andrade

* Satiricon, por Petrônio

* The Knife Man, por Wendy Moore